



ELAINE HAMMERSTEIN

Para todos

ANNO IV

N.º 175



SENHORAS! SENHORITAS! LEIAM-ME!

Leiam-me vós todas, todas que sois jovens e bellas, e que quereis conservar a vossa juventude e belleza, fazei-a eterna e duradoura. O unico preparado que possui a propriedade de conservar em vossa cutis a frescura da mocidade, que possui a qualidade preciosa de dar-lhe a maciez do arminho é o

Cutisol-Reis

E' o Cutisol-Reis, o unico verda dei ra mente scientifico, que não irrita, que não engor-



dura, e que é sobre todos os seus congêneres o melhor para massagens, e que possui a propriedade unica de fixar o pó de arroz.

E' o unico que logrou obter, entre os seus congêneres, do illustrado Professor Dr. Miguel Couto, a mais notavel gloria da medicina brasileira, assim como de mais algumas sumidades medicas, um attestado que é o bastante para comprovar a sua reconhecida efficacia no tratamento da cutis.

— + —

A' venda em todas as drogarias, pharmacias e perfumarias de todo o Brasil.

Depositariorios no Rio de Janeiro : ARAUJO FREITAS & Cia. — Rua dos Ourives, n. 88.

Em Bello Horizonte : NARCISO & Cia. — Rua da Bahia, n. 942

Em Juiz de Fôra : DROGARIA AMERICANA — Rua Halfeld.

Preços: Vidro 3\$300 — Pelo correio, mais 1\$000

SOFFRIA HORRIVELMENTE DE ERUPÇÕES



José AUGUSTO CORRÊA

Campos (Sergipe), 24 de Julho de 1915. — Illmos. Srs. Viuva Silveira & Filho — Rio de Janeiro.

Venho por meio da presente agradecer-lhe os resultados que obtive depois de ter usado o vosso maravilhoso ELIXIR DE NOGUEIRA do pharmaceutico clinico João da Silva Silveira. Soffria horrivelmente de erupções syphiliticas tendo feito uso de diversos preparados, sem resultado; fui aconselhado por um amigo fazer uso do poderoso ELIXIR DE NOGUEIRA, ficando radicalmente curado. A bem da humanidade soffredora, tenho feito a propaganda que merece esse grande remedio. Ao vosso dispor, subscrevo-me, com muita estima.

De VV. SS. Amo., Att. e Cr^a. — José Augusto Corrêa.

**COMPREM NA
CASA ISIDORO**

Chapéos de Senhora, desde	25\$000
Casacos de Jersey, seda, . . .	140\$000
Ditos de lã, desde	30\$000
Velludo de seda	48\$000
Pelles, superiores	45\$000
Manteaux, inglezes.	115\$000

RUA 7 DE 7bro 99



A mais arraigada preocupação é a de ter uma cutis branca, delicada e sedosa. An-hêlo que se explica, porque a cutis constitue o principal factor da belleza facial. Mas todas as senhoras devem saber que não basta só o desejo, pois que é necessario pôr em pratica os meios para conseguir tal proposito.

O systema mais recommendavel, efficaç e seguro para obter uma bella cutis consiste, simplesmente em applicar-se todos os dias uma discreta camada do

Pó Graseoso de Mendel

cuja acção maravilhosa communica á pelle essa exquisita suavidade e delicadeza que é o maior encanto do rosto feminino.

Importante: O Pó de Arroz Mendel possui uma notavel qualidade adherente, que resiste á acção do ar. O seu uso não requer a applicação de crêmes ou pomadas. Vende-se nas côres branca, rosa para as claras de pouca côr, «châir» (carne) para as loiras e «Rachel» (crème) para as morenas. Preço da caixa 4\$500 reis. Agência do Pó de Arroz Mendel: Rua 7 de Setembro n. 107, 1º andar -- Tel. C. 2741.

TOCA: Obsequiar-se-á com uma linda caixinha do Pó de Arroz Mendel a toda a pessoa que de fóra desta capital desjar e enviar o recorte desta revista com endereço e um selo de 200 reis á essa Agência, Secção 13, — MENDEL & C. — Dep, em S. Paulo — R. Barão de Irapetininga, 60.

Um triumpho hygienico internacional

Antigamente, no Japão, as graciosas "mus-mis" lavavam o rosto e as mãos com certa terra cretosa, de qualidade saponacea, ali chamada "Crema de Kyoto".

Porém essa terra tinha, entre outras coisas, o defeito de conter uma materia caustica que, com frequencia, escoriava a delicada cutis das bellas filhas do sol nascente.

Os perfumistas japonezes quizeram substituir esta materia natural com preparações especiaes, mas quizes entrava, como principal componente, o oleo de peixe.

O artigo não deu resultado, pois mais sujava do que lavava, sendo além disso caracteristicamente nauseabundo.

As bellas geishas estavam desesperadas, invejando as europeas que as visitavam as perfumadas pastas que traziam, com as quizes faziam uma verdadeira obra de arte.

Ultimamente, uma senhora norte-americana teve a feliz idea de levar entre as suas bagagens uma grande quantidade de caixas de Sabonete de Reuter, com a qual começou a obsequiar todas as suas relações do paiz dos crysantheinos.

Este intelligente e delicado pensamento produziu um resultado asombroso, não só no sentido hygienico, como até no politico.

Todo o mundo ali se lava com o Sabonete de Reuter, tendo obtido esta inimitavel pasta um verdadeiro triumpho internacional.

Hoje se conhece mais os Estados Unidos no Japão pelo Sabonete de Reuter, do que pelos protocolos diplomaticos.



A Casa das Tres Meninas

Valsa sobre motivos da opereta — F. SCHUBERT

REPERTÓRIO DA ORCHESTRA PICKMANN

A orchestra Pickmann oferece os seus serviços artisticos para bailes, chás, danças, etc. Rua Tavares Bastos, 8 — Telop. 1019 Mar 139

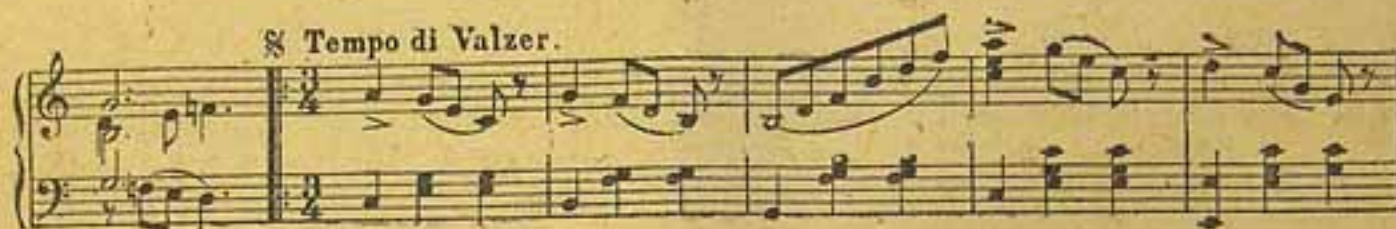


Ilustração Brasileira —

a mais bella revista mensal illustrada, collaborada pelos melhores escriptores e artistas nacionaes. Preços de venda avulsa 2\$000, na Capital; 2\$500, nos Estados.



LEITURA PARA TODOS

Magazine mensal ilustrado, acha-se à venda o 33º numero do corrente mes com um magnifico texto e artisticas gravuras. — Venda avulsa na Capital R 15500; nos Estados R 15700.

CONVÉM ÀS SENHORAS

HOMENS E CRIANÇAS

aproveitarem os

PREÇOS ESPECIAESpor que estamos vendendo um grande
numero de artigos de todo o genero


Paro'Royal

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL.

**ACABARAM-SE AS POMADAS,
OS UNGUENTOS E OS CREMES**que são velhas formulas de carrancismo thera-
peutico e que irritam a pelle com a gordura
rançosa que contém.sem gordura, liquido, não suja a pelle e nem as
roupas, de uso facil, commodo e rapido, não
obstruindo os póros da pelle e não impedindo
a sua perfeita respiração, que é o unico meio
de se conservar perfeita e evitar as rugas da
velhice.A LUGOLINA é o unico remedio Brasileiro
adoptado na Europa, Norte-America, Argentina,
Uruguay e Chile, com enorme successo.Cura efficazmente as molestias da pelle,
feridas, dartilros, eczemas, suor dos pés e dos
axillares, queda dos cabellos, etc. O seu uso
constante conserva a pelle fresca e evita as
rugas. Anti-parasitario e cicatrizante poderoso,
evitando qualquer contagio nos dois sexos.Vende-se em todas as drogarias, pharmacias e
perfumarias.**Preço: 3\$000**Unicos depositarios: ARAUJO FREITAS & C.
Rua dos Ourives, 88 e S. Pedro, 90 — Rio
de Janeiro.**Bom Dia!**

Lembre-se sempre disto:

AS
PASTILHAS do **DR. RICHARDS**

curar-lhe-hão dyspepsia e
indigestão. Ellas são in-
falliveis pois conteem, na
fórma de pastilhas, os
succos digestivos do seu
proprio estomago. Tome-
as hoje. O seu pharma-
ceutico as vende.

AS FUTURAS ESTREAS

ATRAVEZ DA CRITICA NORTE-AMERICANA

FOOLISH WIVES, da Universal, com Eric Von Stroheim, Mae Busch, Margaret Armstrong, etc. E' o film mais discutido deste anno. Uns criticos desancam-no impiedosamente, ao passo que outros o elevam a coroa das nuvens. Houve critico ate que atacou como um insulto aos costumes e a moralidade da familia americana o film do famoso director de scena. O que ninguem pode negar entretanto, e que, merco do seu preço, do longo prazo da sua producao, seja o grande film da Universal um dos mais ricos em detalhes e observação, um dos mais esplendidos ate aqui realizados. Eric Von Stroheim e seu autor, seu director e figura no principal papel. Este, diz um dos criticos, e a maior criação scenica desse artista. Todos os artistas muito bons. E' um grande film.

LOVE'S REDEMPTION, do First National, com a artista Norma Talmadge, Harrison Ford e Montagu Love. Nenhuma novidade existe nesse film; as situações já foram vistas em outros muitos. Norma, bella como sempre. Ha scenarios deliciosos. Entretanto, poucas occasiões encontra Miss Talmadge para demonstrar suas habilidades. E' pena dar a tão grande artista argumentos de tamanha pobreza como este.

NANCY FROM NOWHERE, da Realart, com Bebe Daniels. Bebe Daniels e a mesma Bebe de sempre; pena deveras e de tão triste papel e tão triste enredo lhe houvessem sido confiados.

THE RULLING PASSIONS, da United Artists, com George Arliss. Ainda uma excellente caracterização do grande artista, apesar do argumento não ser dos melhores escolhidos. Doris Kenyon, deliciosa no seu papel de filha. E' uma das mais interessantes produções que têm saído dos studios estas ultimas semanas.

SATURDAY NIGHT, da Paramount, direcção de Cecil B. de Mille e interpretação de Edith Roberts, Leatrice Joy, Conrad Nagel e Jack Mower. Nesse film o famoso director de scena tramou uma idea e estudou caracteres que a ella se prendem. A historia e de Jeannie Mc Pherson. Desempenho admiravel, muito luxo nos detalhes, magnifica producao.

ONE GLORIOUS DAY, da Paramount, com Will Rogers e Lila Lee. O enredo e positivamente absurdo, mas a gente desculpa esse absurdo pelas situações hilariantes que elle gera, dando ao Will Rogers de exercer a sua trí comica em toda a sua plenitude.

BACK PAY, da Paramount, com Seena Owen e Matt Moore. Versão cinematographica de um conto de Fannie Hurst, parece-se com o original como um ovo com um espeto.

TEARS TO REMEMBER, da Metro, direcção de Rex Ingram, com Alice Terry. Basta isso para fazer seu elogio. Comedia simples, agradável, propria para moças.

THE WALLFLOWER, da Goldwyn, com Colleen Moore. Boa diversão.

HAIL THE WOMAN, da Associated Producers, direcção de Thomas Ince e um punhado de estrellas para interpretá-lo, entre as quaes Florence Vidor, Tully Marshall e Theodore Roberts. E' um film feminista. Que pensa de fardados os homens que nelle apparecem!

THE LANE THAT HAD NO TURNING, da Paramount, com Agnes Ayres e Theodore Kosloff. Tragedia que aterra o espectador. Regularmente interpretada.

THE BRIDE'S PLAY, da Cosmopolitan, com Marion Davies. Um desses films que alegam a vista e por isso a gente perdôa certas incongruências do enredo.

FLOWER OF NOIRIS, da Vitagraph, com Henry B. Walthall e Pauline Starke. Historia do Canada, com bellos scenarios.

RENT FREE, da Paramount, com Wally Reid e Lila Lee. Um dos films usuas de Wallace Reid.

BOOMERANG BILL, da Cosmopolitan—Paramount, com Lionel Barrymore.

Lionel Barrymore em "Boomerang Bill" tem um magnifico papel; auxiliado por um entredo muito bom e um excelente trabalho photographico conseguiu fazer desse film uma obra notavel.

ORPHANS OF THE STORM, de D. W. Griffith, com as irmãs Gish. Esta producao e tão colossal na concepção como na execução. Seus efeitos grandiosos, seus incidentes interessantes apparecem tão frequentes vezes que e difficil citá-los todos. Griffith voltou aos antigos processos dos seus grandes trabalhos, juntando-lhes porém attractivos novos, mais poderosos ainda, mais cheios de encantos. Tomando uma velha historia "As duas orphãs", nella introduziu as scenas grandiosas da Revolução Franceza, criando um bello film.

Nenhuma historia foi jamais escripta quanto instrua como essa obra cinematographica. Todas as creanças do globo deviam vê-la. Ha nella episodios de inegavel belleza, superiores a tudo quanto tem passado pela scena muda ou mesmo fala. O desempenho e soberbo. Calem os maiores louros a Lillian Gish. Cada novo papel desta artista e superior ao antecedente. A actriz "trabalha". O typo por ella creado, de Henriqueta, e sublime. O segundo lugar cabe a sua irmã, Dorothy Joseph Shildkraut, encantador. Monte Blue, porém, no papel de Danton, e a maior figura entre os actores. Actua magnificamente e demonstra-se por essa forma um dos melhores artistas norte-americanos. Merecem especial menção Lucille La Verne, Frank Puglia, Shelton Lewis, Morgan Wallace e Frank Lose.

THREE LIVE GHOSTS, da Paramount, com Anna Q. Nilsson e Norman Kerry.

Comedia dramatica, em que as situações se encadeam naturalmente. "Three Live Ghosts", ha de triumphar por seu enredo excellente, sua interpretação magnifica (não esquecendo citar Cyril Chadwick) e seu desenvolvimento essencialmente humano. Film executado em Londres, em uma atmosfera ingleza, e a melhor coisa que dos "studios" britannicos da Paramount nos tem vindo. Todos os artistas bons.

KEY NOT ROMANCE, do First National, com Basil Sydney e May Collins.

A historia se desenrola na America, do Sul (?). Combinação bem feita de satyra e melodrama, escripta pelo infatigavel casal Eversen-Lock. Descrever o entredo e quasi impossivel, pelo bem enredado que e. Amor e riso se combinam ás maravilhas. A interpretação muito boa.

JUST AROUND THE CORNER—Cosmopolitan Paramount, com Lewis Sargent e Sigrid Holmquist. Historia cavalheiresca, ora por vezes attinge o tragico, ora suavemente enternecedora, devida á penna de Frances Marion, que nesse film se colloca como uma das mais perfectas escriptoras para o cinema. Ella, sob o ponto de vista feminino, e de rara delicadeza. O elenco muito bom, convindo destacar Sigrid Holmquist, Lewis Sargent, Margaret Seddon e Fred Thompson.

São esses os cinco melhores films do mez.

THE LITTLE MINISTER, da Vitagraph, com Alice Calhoun e James Morrison, e uma das duas versões cinematographicas da novella de James Barrie, e para nós a melhor. A interpretação e real; nós vivemos com os personagens que surgem na tela. A direcção de David Smith excelente.

FOOL'S PARADISE, da Paramount, com Dorothy Dalton. Um film de Cecil B. de Mille ou ha de ser maravilhoso ou terrivel. Este e terrivel. Parece ser arranjado com pedacos de *Vassalagem e Negocios de Anatolio*. E' Dorothy Dalton que salva o film. E' esplendida.

MY NOB, do First National, com Jackie Coogan. Que dizer de um trabalho desse maravilhoso pequeno, que e hoje uma estrella da cinematographia? Diverte-nos, enterneco-nos; não e isso arte, então? Claude Gillingwater honra a sua esplendida reputação.

THE LITTLE MINISTER, da Paramount, com Betty Compson e George Hackathorne, dirigido por Penrhyn Stammers, e um bello film, mas não e um grande film. Na interpretação salva-se George Hackathorne, que e uma revelação. E' um dos melhores galãs jovens.

HAIL THE WOMAN, da Associated Producers, com Madge Bellamy e Lloyd Hughes, e uma boa producao, uma boa diversão. Ha certo exagero nas legendas, que pode ser corrigido. Excellentes artistas, entre elles, além dos principaes, Theodore Roberts e uma adoravel criança; Muriel Dana.

R. S. V. P., do First National, com Charles Ray, que, tendo esgotado todos os papeis sportivos, volve sua attenção agora para os domesticos. Nesse film mostra-se sob o aspecto de um estudante de medicina. A mudança não foi lá muito feliz. O enredo nada vale, tem situações ridiculas ás vetes. Harry Myers contribue com o artista principal para tornar o film supportável.

RENT FREE, da Paramount, com Wallace Reid e Lila Lee. Bom film suburbano.

THE LANE THAT HAS NO TURNING, Paramount, com Agnes Ayres e Theodore Kosloff, sendo que este ultimo, apesar de não ser estrella, guarda para si todas as honras do trabalho Agnes Ayres fraguinha. Malton Hamilton, como sempre.

FIFTY CANNIES, da Hodgkinson, com Marjorie Daw. Uma obra prima melodramatica. Excellente enredo, magnifica interpretação por artistas a cuja frente está Marjorie Daw. Convém citar Bertman Grashy e Edward Burns.

N. B.—O leitor notara que alguns films citados duas ou mais vezes. E' que a critica e extrahida de publicações varias.



Questionário



Toda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ourador. — Rio de Janeiro.

Devido à formidável affluência de cartas para esta seção, muitas aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a atenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella se encontram e a nós um trabalho excessivo de compilar catalogos para os satisfazerem. Mais: abreviará o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possível os títulos. Essa nossa exigência é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um título passarem com outro nos Estados Unidos.

H. DE SOUZA (Santa Maria) — 1º, Rex Arms, 945 Orange St., Los Angeles, California. 2º, 200 W. 57 th st., N. Y., and 1903 Wilcox ave., Hollywood, California. 3º, 485 Fifth ave., N. Y. C. 4º, Não conhecido. 5º, Ince Studios, Culver City, California.

HYGINO McNARY (Santa Maria) — 1º, 10 th ave., 55 th to 56 th sts., 130 West 46 th st., N. Y. C. 2º, Hollywood, California. 4º e 5º, 485 Fifth ave., N. Y. C.

PEARL WHITE (Santos) — Brevemente.

HYPERIDES (Recife) — Não é da nossa seção; escreva para o Dr. Sauerbodo, d'O Malho.

MARIA APARECIDA GODOY (S. Carlos) — Veja no catálogo da penúlt. Os números 4 e 5 do 2º e 3º e 4º e 5º.

ELVIRO KUNDZ (Tietê) — Não vendemos retratos.

HELIO MAFRA DE OLIVEIRA (?) — Não é possível.

PINA MENICHELLI (Roma) — Escreva-lhes pedindo os retratos.

T. COELHO (Paraná) — O endereço de Eddie Polo é: 6609 Hollywood Blvd, Los Angeles, California.

LONGHIN (Santos) — Escreva à Administração.

SARAH BERNHARDT (?) — Não accellou devido à idade.

ANNA MONTEIRO (Itá) — Veja a resposta a Hyperides.

E. CLAYTON (Piratinga) —

a) Em Green Eyes (Cinco e castigo): Shirley Hunter, Dorothy Dalton; Pearson Hunter, Jack Holt; Morgan Hunter, Emory Johnson; Margery Gibson, Doris May; Alexandre Chapman, Robert McKim; Jim Webb, Clyde Benson. b) Pettigrew's girl (Depois da despedida): Daisy Heath, Ethel Clayton; William Pettigrew, Monte Blue; Hugh Warick, Charles Gerard; Piggy, Clara Whipple; J. Bottley, James Mason. c) Dragon Painter (Pintor de dragões): Tatsu, Seizue Hayakawa; Mme Ko, Tsuru Aoki; Kuno Indara, Edward Peil; Undo Uchida, Toyo Fujita. d) Midsummer madness (Alvorada de Maio): Margaret Meredith, Lois Wilson; Daisy Osborne, Lila Lee; Bob Meredith, Jack Holt; Julian Osborne, Conrad Nagel; Ma-



BETTY COMPTON -



@ film da semana



Podia ser peor a semana que passou... Podia mesmo haver alguma coisa mais detestavel que "Carlito policial" e "A ultima noite da Rainha Isabeau", que vimos no Palais...

Felizmente, porém, tivemos "A mulher que Deus mudou", "O martyrio", "Os caminhos do destino" e, sobre toda a programação da Avenida, a encantadora produção da Fox (1) "Historias idyllicas".

Assim, sempre houve o que se pudesse ver.

Porque o *habitué* de cinema não vai apenas a um programma; quando elle não corre varios, dois ou tres, certamente, escolhe durante os 7 dias. E, por isso, se "Carlito policial" foi um engodo do exhibidor, que se aproveitou do successo

despertado por uma boa produção que havia passado, e se "A ultima noite da Rainha Isabeau" é espectáculo de feira, estafante e ridiculo, cuja interpretação, talvez influenciada pela demencia do desgraçado Carlos VII, parece toda a cargo de uma *troupe* de doidos, em que só a belleza de Fern Andra mostra ter juizo... o *habitué* se compensou, entretanto, por outros lados...

Admirou, certamente, a produção da Goldwyn, no Central, "Caminhos do destino", a que Pauline Frederick empresta todo o valor de seus dotes dramaticos num romance acceptavel. Applaudiu "A mulher que Deus mudou", por Seena Owen, da Paramount, no Avenida, film dos mais claros moldes americanos, com episodios variadissimos de genero. Vibrou deante de William Hart, em "Martyrio", tambem da

Paramount, no Avenida, outro film em que o consagrado heroe do Arizona apresenta, em multiplas situações, a maleabilidade admiravel da sua mascara. E, finalmente, o *habitué* surpreendeu-se de ver uma produção da Fox, pequena e ligeira, mas de um encanto que, raro se encontrando em outras de mais respeitavel procedencia, não se seria capaz de esperar, actualmente, da Fox, embora fosse sua creadora Shirley Mason.

Essa produção, "Historias idyllicas", foi a melhor da semana. Seu poema, sua photographia, sua interpretação valem bem todos os applausos. E não podemos deixar de a recomendar, sobretudo porque só muito raramente em conjunto ha tanta coisa bonita a applaudir.

OPERADOR N. 3.

COTAÇÃO DOS FILMS — SEMANA DE 10 A 16 DE ABRIL DE 1922

1-Mediocre — 6 Bom — 12 Extra.

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
(*)	Odeon	Carlito policial (Police)	Charles Chaplin	1917	... 3 ...
Paramount	Avenida	A mulher que Deus mudou (The Woman God Changed)	Seena Owen	1921	... 6 ...
Paramount	Avenida	O martyrio (O Malley of the Mounted)	William Hart	1921	... 6 ...
Fox	Pathé	Meios illegitimos (Bar Nothing)	Buck Jones	1921	... 4 ...
Decla	Palais	A ultima noite da Rainha Isabeau (*)	Fern Andra	?	... 3 ...
(*)	Central	Venus Astartea	Mara Technikewa	?	... 3 ...
Universal	Rialto	Esposa frivola (Dr. Jim)	Frank Mayo, Claire Windsor	1921	... 5 ...
Realart	Parisienne	Suave Suzana (Erstwhile Suzan)	Constance Binney	1920	... 5 ...
(*)	Odeon	A Leão de Arizona (The Arizona Cat Claw)	Edythe Sterling	1919	... 4 ...
Fox	Pathé	Historias idyllicas (Lovetime)	Shirley Mason	1921	... 7 ...
Decla	Palais	Silencio que mata (*)	Carlota Toelle	?	... 4 ...
Goldwyn	Central	Os caminhos do destino (Roads of Destiny)	Pauline Frederick	1921	... 6 ...
Metro	Rialto	Senhorita excêntrica (Peggy Does Her Darnest)	May Allison	Réprise	

(*) Não constam dos programmas nem dos cartazes.

ry Miller, Betty Francisco; Mrs. Osborne, Claire Mc Dowell; Peggy Meredith, Charlotte Jackson; Mrs. Hicks, Ethel Wallace.

AGNES AYRES ADMIRER (Piratinny) — 1° The Night Horsemen (Cavalheiros da noite); Whistling Dan Tom Mix; Kate Cumberland, May Hopkins; Old Joe, Harry Lonsdale; Dr. Byrne, Joseph Bennett; Buck Daniels, Syd Jordan; Mack Strani, Bert Sprout, etc. 2°, Sim. 3°, Diversos. 4°, The Affairs of Anatol (Os negocios de Anatolio?); Anatol De Witt Spencer, Wallace Reid; Vivian, sua mulher, Gloria Swanson; Max Ruyon, Elliot Dexter; Satan Syme, Bebe Daniels; Abner Elliot, Monte Blue; Emilie Dixon, Wanda Housley; Gordon Bronson, Theodore Roberts; Annie Elliot, Agnes Ayres; Nagger Singh, Theodore Kosloff; Director de orchestra, Polly Moran; Hoffmeier, Raymond Hutton; Tibra, Julia Faye; Dr. Baocles, Charles Ope; Dr. Johnson, Winter Hall; Criados, Gwy Oliver, Ruth Miller e Lucien Littlefield;

Corista, Shannon Day; Ama, Zelma Maja; Jogadores de bridge: Elynor Glynn, Lady Parker, etc., etc.

SARGENTO INCONFUNDIVEL (Piratinny) — Em A fôrnalha Polly Vallance, Agnes Ayres; Anthony Bond, Jerome Patrick; Keane Mordaunt, Milton Sills; General Brent, Theodore Roberts; Lady Brent, Helen Dumber; Patricia Bient, Betty Francisco; Mr. Vallance, Frederick Turner; Mrs. Vallance, Mayme Kelso; Bert Vallance, Lucien Littlefield; Salomon Bessbridge, Robert Bolder; Conde Svenson, Edward Martindel. Em Coração de pedra: John Harlow, Bryant Washburn; Laura Lowell, Lois Wilson; Jenny Larkin, Grace Morse; Clara, Emily Chichester; Richard Crane, Clarence Geldart; Martin Green, Clarence Burton; Tio Jim Harlow, Thomas Bates; George Wantier, Hayward Mack. Em A volta do sargento: James Stewart Lee, Douglas Mac Lean; Alicia, Doris May; Dad, Frank Currier; Henri, Leo White; Gloria, Kathleen Kev; Mrs. Rad-

cliffe, Elinor Hancock; Gregg, William Courtwright; Tubbs, Frank Clark; Mrs. Perkins, Aggie Hering; François Dupont, Wallace Beery.

A MAO SINISTRA



CINE-ROMANCE POLICIAL
BREVEMENTE

IODOLINO DE ORH

Contém, de uma forma perfeita e assimilavel, todos os agente medicinaes que vencem e curam a anemia. O tonico mais completo, depurativo anti-escrofuloso. Receitado diariamente pelos medicos mais eminentes, que attestam o seu alto valor therapeutico nas doenças seguintes:

ANEMIA DE DIVERSOS TYPOS — ESCROFULAS — RACHITISMO — PALLIDEZ — FLORES BRANCAS — TUBERCULOSE CHRONICA — FALTA DE FOME — MAGREZA — FALTA DE ENERGIA — CANSAÇO CEREBRAL.

PARA AS CRIANÇAS -- é indispensavel no periodo do crescimento. Fortifica e desenvolve normalmente. Evita as doenças da infancia, facilitadas pela Anemia. Corrige a nutrição deficiente. Augmenta o appetite, engorda e desenvolve as côres.

PARA AS MENINAS -- no periodo da puberdade é garantia contra desarranjos futuros.

PARA AS MÃES -- no periodo da gestação e da amamentação é prodigioso.

PARA OS HOMENS -- no periodo da vida intensa augmenta o vigor e as forças. Evita a perda de energia. Conserva e activa as funções cerebraes.

AOS VELHOS -- evita a decadencia, reconstitue e fortifica o organismo.

Insubstituível nas convalescências

Os resultados colhidos são sempre superiores em todas as edades. Fortifica, desenvolve e evita a invasão de molestias causadas pelo enfraquecimento do organismo.

Em todas as drogarias e pharmacias do Brasil — Agentes geraes:
SILVA GOMES & C. — Rua 1^a de Março, 151 — Rio de Janeiro

Para todos...

MAGAZINE SEMANAL ILLUSTRADO

APARECE AOS SABBADOS

ANNO IV

NUM. 175

Redacção e administração
RUA DO OUVIDOR, 164
Teleph. Norte 5402

Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1922

Doze mezes	255000
Séis mezes	135000
Num. avulso no Rio	5000
Nos Estados	5000
Num. atrasado	1700

TCHITCHERINE

DEANTE dessa figura meio romantica e meio revolucionaria, enviada da Russia dos Soviets para traçar o programma da reorganização economica e financeira do mundo, e que emerge, do seio ainda sombrio da Conferencia de Genova, com attitudes de apostolo e de evangelista, volto a pensar um pouco no immenso chao a que está hoje reduzido o formidavel ex-imperio moscovita. Tchitcherine não é bem a Russia dos bolcheviks, a Russia dos soldados e marinheiros ebrios de kummel e de sangue, que massacraram todos os principes da casa dos Romanoffs, a Russia das rales urbanas, que espoliaram a nobreza, saqueando a burguezia, nem a Russia dos salteadores dos campos, que, mal disfarçados em mujiks, confiscaram velhas propriedades de dominio secular. Não; o commissario do Povo para os Negocios Estrangeiros não é bem isso, porque é muito mais do que isso. Aristocrata por educação, deve ser para elle um serviço penoso viver e governar naquella confusão. Contudo, é um entusiasta, um amigo sincero do operariado. Herdeiro de uma grande fortuna, que lhe deixou o pae, um antigo universitario, Tchitcherine entregou-a, assim que della se apossou, ao partido social-democrata, ao qual pertencia, alistando-se, quasi uma creança, nas fileiras do liberalismo radical da sua terra. Isto, na época do czarismo, quando havia mais logica e razão na pata do cavallo de um cossaco, do que mesmo no miolo de um misero trabalhador...

Levou, atravez de alguns annos, uma existencia apagada. Alastrando-se, dia a dia, o incendio em que haveriam de arder todas as instituições tradicionais da patria slava, o joven anarchista teve que emigrar, acossado pela reacção das autoridades policiaes e, como todos os emigrados politicos, seus correligionarios, tornou-se uma especie de judeu errante, suspeito e indesejavel nos centros conservadores que o hospedavam, sem o conhecer. Mesmo no estrangeiro, mais de uma vez, roteando pela Allemanha, pela Austria, pela Suissa, pela França e pela Inglaterra, foi perseguido, preso e deportado.

Quarto, em fins de Julho de 1914, o imperador Nicoláo II respondeu ao ultimatum do imperador Guilherme II, invadindo a Prussia Oriental, desencadeando ambos, assim, a infame e hedionda carnificina que, mezes atraz, as chancellarias de Londres, Paris, Roma, Vienna, Berlin e S. Petersburgo vinham preparando. Tchitcherine se achava na capital franceza, com outros camaradas. Trotsky e Martow ali viviam com elle e todos escreviam na *Nossa Palavra*, periodico vermelhissimo, que o actual commissario do Povo para os Negocios da Guerra fundara, removendo toda a sorte de difficuldades.

Nessa época não se conheciam propriamente os chefes bolcheviks, porque todos elles eram mencheviks, com Alexandre Kerensky á frente. Segue-se, depois, uma tréva em torno desses nomes rubros, até que o im-

menso edificio da autocracia dos Romanoffs, abalado nos seus alicerces pelos seus crimes contra as liberdades, carcomido nas suas paredes pelos cupins dos vicios e defeitos infamantes, todo elle fedendo a Rasputine, o intrujão devasso, bebedor e trahidor, o maior canalha com que o Diabo já humilhou e injuriou a face da terra, desaba fragorosamente. Foi um acontecimento sem exemplo, que excedeu a propria Revolução Franceza, pela violencia do choque, rapido e seguro dos seus efeitos. Os libertadores tinham, em algumas semanas, derribado todas as columnas desse edificio gigantesco, cujas sombras se projectavam e atemorizavam a Allemanha e a Austria: a monarchia, a igreja, a burocracia e o exercito. A dynastia deposta e encarcerada, a administração decapitada, a religião abandonada a si mesma, o exercito dissolvido, ou faltando pouco para isso. De uma Russia que desaparecia para sempre sobrevivia, apenas, a grande machina da produção: agricultura, industria, commercio, bancos e caminhos de ferro; a propriedade só e nua, que não defendia mais nem o prestigio da Corôa, nem a autoridade da Religião, nem a força do Estado.

Ahi, então, apparecem os chamados *leões da Revolução*: Lenine, Trotsky, Tchitcherine, Krasinsine, Zinowief, Lunacharsky, P'ejanow, Martow, Chernow, o principe Kropotkine, e as *leões* não menos corajosas e resolutas, como as da França de 89, embora com menos espirito: Sofia Perowskaia, Vera Zasulich, Vera Figner, Catharina Brechkovskaia e Maria Spiridonova.

Ha como que um colapso maior na vida do colosso slavo: vae-se destruir a propria destruição, com a queda e fuga de Kerensky e os mencheviks, e a ascensão ao desgoverno dos bolcheviks, incarnados nos *leões* acima referidos. De Março a Novembro de 1917, as massas de soldados, marinheiros, operarios e camponios, como lobos famintos, percorrem o vasto ex-imperio, clamando por vingança e bradando que era preciso liquidar tambem a propriedade. E o teriam conseguido, se um imprevisto providencial não os contivesse. Esse imprevisto foi Tchitcherine, o aristocrata de educação, o *corvo branco*, de maneiras distinctas e mãos delicadas.

Collocado entre Lenine e Trotsky, entre o idealista fanatico e o pamphletario atrevido, ouvido respeitosamente pelos demais membros dos Soviets, a sua palavra, inspirada na propria sabedoria dos instinctos, contém a onda. Elle levava da Inglaterra uma tradição heroica, pois fôra ali preso como conspirador perigoso, só se livrando da força porque o governo de Lloyd George achara prudente transigir, mandando-o em paz... Os bolcheviks, que já estavam no poder, ameaçaram immediatamente deter, em represalia, todos os subditos britannicos que se encontrassem na Russia.

A Tchitcherine coube, logo no inicio da sua gestão, a tarefa mais penosa que poderia ter um libertador moderno: negociar com os allemães a paz de Brest-Litowsky. O conde Mirbach,



Uma que nem está ligando á Conferencia de Genova...



O MEXICO Nº CENTENARIO



Lançamento da pedra fundamental do pavilhão mexicano para a Exposição do Centenario. O Sr. Embaixador Torre Diaz, ao lado do Sr. governador da cidade, põe a primeira colher de argamassa nos futuros alicerces.



embaixador allemão em Petrograd, assassinado em Moscow em Julho de 1918, era ali mais do que o Czar antes da Revolução. Mandava e desmandava, tratando o governo bolcheviki como se tratasse a um simples rafeiro. Esse diplomata insolente introduzia-se no gabinete de trabalhos do chanceller russo, de chapéo na cabeça, grossa bengala nas mãos, sem se annunciar, charuto ao canto da bocca, ditando, com modos brutaes, o que se devia e o que se não devia fazer. E quando o pobre ministro de Estado queria erguer-se, levado numa rajada de pudor natural, Mirbach o ameaçava com as espadas dos seus generaes vencedores.

E Tchitcherine, cuja existencia de apostolo do socialismo-democratico se objectivara toda no sacrificio de odiar e combater o militarismo, submettia-se. Escrevia longos e inuteis protestos, mas a arrogancia systematica do imperialismo da Wilhelmstrasse não lhe dava ouvidos. O seu ridiculo parecia interminavel e para um homem como elle, sincero e convencido, tal situação devia ser uma verdadeira e dolorosa tragedia.

A Conferencia de Genova não ignora quem elle seja, nem o que elle representa. Certo, antes, não o distinguia pessoalmente dos demais revolucionarios russos que estão de cima. Ao ver, porém, a sua figura que inspira sympathia, correcto e fidalgo, senhor de uma solida cultura, que mais nelle se aperfeicou pelas duras provações por que tem passado, logo começou a considerá-lo. Bem ou mal, até agora, só elle teve uma idéa sincera, que proclamou cheio de fé e entusiasmo: *sem o desarmamento geral da Europa, os Estados não reconstruirão as suas economias e as suas finanças, que a guerra arruinou.* Com a paz militar previamente assegurada, todas as pazes serão possíveis...

Todos concordaram ou pareceram concordar, menos a França, que é hoje a Alemanha de 1914. Entre ella e Tchitcherine ha o abismo que já em 1789 separava Robespierre do capitalismo burguez e intolerante. Embriagada pela victoria das armas alliadas, a diplomacia gauleza não admite pontos de vista contrarios e, cega de ambições, não enxerga, no panorama cinzento e escarlate dos dirigentes da Russia actual, os intellectuaes de élite, que aprenderam a ser livres e a pensar na sua propria Encyclopaedia...

PAULO FILHO.

A musica só é bella e sentida numa alcova em penumbra com os reposteiros fechados. Foi o perfume das estufas, no outono, que me ensinou a ouvir Chopin. A musica é o perfume vivo. O perfume é a alma de todas as harmonias que morreram...

DANSA DOS SETE VEOS

Para Alvaro Moreyra

Salomé
lembra Venus-Astarté...

Numa alegria,
como por Dionisius,
uivam todos á symphonia
das cytaras e crotalos elyseos...

Salomé,
muito mais alva e triste do que a lua,
quasi como outra lua,
mostrando os seios,
toda incendiada pela pedraria,
como uma louca que sonhára,
como uma louca que dansára nua,
surge e, em colleios,
como uma serpente,
avança, ondula e, em meio á sala, pára,
languidamente, voluptuosamente,
á maneira de um lotus entreaberto...

Salomé dança como um lotus entreaberto,
nua e mais alva que vestindo linho...

No alto, velado, amortecido,
com qualquer cousa de macabro,
abre-se um candelabro
cujo clarão parece o olhar amortecido
de alguém que esteja bebendo de vinho...

Herodes, vendo-a, tem o olhar amortecido
como o clarão do candelabro...

Salomé dança como um lotus entreaberto...

FRANCISCO GALVÃO

ALLELUIA ...



Alguns dos pares que alegraram a véspera da Ressurreição nas salas do Orpheon Club Portuguez.



No Club Central, de Nictheroy, onde o tradicional baile da Alleluia teve uma alta distinção. O Sr. Presidente Raul Veiga, que compareceu, posou para a nossa revista, entre senhoras e senhorinhas da sociedade fluminense.

HIPPISMO

A chuva, que reinava com uma constância já irritante, porque estava causando grandes prejuízos a tudo e a todos, cessou afinal no começo da semana passada, e permitiu que fossem preparados os animais que tomaram parte no programma organizado pelo Derby e executado no dia 16, domingo, bem como deu lugar a que se reparasse a respectiva pista, deixada, pelas encurradas, em pessimo estado. Foi feita nella uma pequena redução da distancia, de poste a poste, e, d'ahi, teve que ser aterrada uma parte regular que até agora não está em boas condições, como o provam os maus tempos registrados, comparados com os do anno findo. E' de crer, porém, que a atenção dos directores encarregados de olhar para essas cousas já esteja despertada e que, para a proxima vez de corridas naquella prado, não tenham razão de reclamações os corredores, os compositores e os proprietarios.

O programma, que parecia bom logo que foi publicado, tornou-se, no dia, menos que regular, com a deserção de muitos animais inscriptos.

O primeiro pareo, em 1.000 metros, premio de cinco contos para animais de dois annos, importados, no qual havia tres inscriptos, teve apenas dois a disputar-o e foi ganho, em 64 1/2, sem grande esforço, pela potranca Digitalis, sobre a favorita Quarella.

Brisbane, ultimamente arrematado em praça, foi o ganhador do segundo pareo, fazendo a distancia, 1.100 metros, em 71 segundos.

Com facilidade, isto é, correndo distan-



Senhorinha Lygia Ubatuba de Faria, da cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul.

ciada dos dois outros competidores, que foram Papoula e Gallo, a veloz Lena venceu o terceiro pareo, em 71 segundos os 1.100 metros.

A potranca riograndense Ironia ganhou o 4º pareo, secundada por Knockout, em 71 1/2 segundos 1.100 metros.

No 5º pareo coube a victoria a Tempestade. A Cathégorica, que devia ser a ganhadeira, por ser a força, deixaram apenas o segundo lugar. Tanto no pareo anterior como neste era corrente, dizia-se no prado, houve accordos. Naquelle Knockout

não se empenhou, e neste Atroz foi cuidar Cathégorica. A' directoria cabe averiguar se esses boatos têm qualquer fundamento.

Em 6º lugar foi corrida a prova classica: Grande Premio Seis de Março, com sete contos ao primeiro e 1.400\$000 ao segundo, na qual estavam inscriptos e correram: Bluff, com 56 kilos; Alerta, com 48; Liró, com 50 e Liete, com 51. Não correu Knut, porque foi allegado haver sofrido accidente em trabalho.

A sahida desse pareo, que era em 1.800 metros, não foi demorada e foi dada em

Foot-ball

BRASILEIRO
X
AMERICA



Instantaneos do jogo de domingo, que terminou pela victoria do America.

PARA TODOS... EM PAULO



1



3



4



Encontro dos clubs Syrio e Corinthians, no dia 10 deste mez.

1) Neco, em defesa do seu "goal"—2) Uma defesa de Tupy—3) O primeiro "goal" dos Corinthians—4) Instantaneo da assistencia.

boas condições. Apenas o jockey do cavallo Liró, que estava por fora de todos, levou o seu animal sobre o que se achava junto a elle, Alerta, fazendo esta, com o encontrão, desarranjar-se um pouco, e assim conseguiu aquelle assenhorear-se da ponta, que não mais entregou, até o vencedor.

Esse procedimento do jockey Amuchastegui, que aqui estreou o anno passado conduzindo-se bem, até certa data, está agora sendo repetido com frequencia e elle nada tem soffrido porque, parece, gosa de imunidades que não assentam em razões moraes de qualquer especie.

Não haverá um só observador imparcial que não tenha notado esse facto irregular, para o qual é preciso haver um remedio.

Tendo Maria Bonita ficado parada e só sahindo muito atrasada, isto porque é um animal muito mal domado, o veloz Kamakura, no 7º pareo, tomou a ponta, que conservou até 1.400 metros, onde foi alcançado por Divino, vencedor nos 1.600 metros em 106 segundos.

No 8º pareo Torpedo, decididamente em decadencia, fez um feio, pois, sendo considerado pelos sabidos como — a força — e assim feito favorito nas apostas, chegou em ultimo. Os vencedores foram Mosquete, que se está revelando de carreira em carreira, e em segundo Era.

Pardal, animal de classe, ganhou com grande facilidade o ultimo pareo, no qual os concorrentes eram de força muito inferior, ou, quiçá, não houvessem querido mostrar-se.

Ahi está em resumo o desfecho dos nove pareos, nos quaes houve o extraordinario movimento de Rs. 173.977\$000.

✦

Sendo feriado o dia 21 do corrente, cabe ainda ao Derby dar corridas nesse dia.

As do proximo domingo, 23, porém pertencem ao Jockey, que já tem um bom programma, organizado com oito pareos, entre elles alguns premios classicos.

No proximo sabbado detalharemos as occorrencias de nota.

A. MELLO.

✦ ✦ ✦

A ANGUSTIOSA MEMORIA

"As pessoas que me dizem não terem recordações dos primeiros annos da infancia surpreendem-me muito. Quanto a mim, guardo vivas lembranças do tempo em que eu era ainda muito pequeno. E são, é exacto, imagens isoladas, mas que, por isso mesmo, se destacam mais precisamente sobre um fundo sombrio e mysterioso. Se bem que esteja ainda muito longe da velhice, essas memorias, que eu amo, parecem-me vir de um passado infinitamente profundo."

Assim começa Anatole France um dos seus melhores livros. Eu tenho dessas vagas reminiscencias que me parecem antiquissimas, tanto que, ao revolvê-las, eu pergunto a mim mesmo se não pertencem a uma vida anterior à que eu vivo hoje, à que eu vivi hontem. São vagas, mutiladas e sem seguimento, são insignificantes, mas têm, na minha memoria, essa mesma precisão pictural e essa mesma claridade viva de relampago em noite profunda. Já não têm sentido e são estranhas à minha razão e ao meu sentimento actuaes; entretanto, eu guardo ainda viva nos nervos a boa ou a má impressão dos factos a que

se relacionam e que eu já não percebo claramente.

Recordo-me, por exemplo, de uma campina sem fim cercando a pequena cidade em que eu vivia com os meus paes; nessa campina, sob um céu aspero de inverno, eu me vejo a correr atraz dos bezerros e dos poldros. Como tivesse chovido e o frio fosse intenso, havia, na campina, poças de agua cobertas de grossas placas de gelo que eu evitava e que os jovens animais quebravam na carreira desordenada... Não sei por que motivo essa recordação me pesa como um remorso e me angustia sempre que me sobe à tona da memoria. Acredito que uma grande desgraça insignificante tenha ferido cruelmente a minha pequena alma de então, por essa época e naquella scenario... — *Antônio*.

✦ ✦ ✦

UM PEQUENO ATRAZO...

Os nossos criticos andam atrasados na leitura... Generalisamos assim porque o Sr. João Ribeiro, que é o mais avisado de todos, affirmou, ha dias, que o ultimo grande poeta francez foi Paul Verlaine!... Como a lingua portugueza, felizmente, não é comprehendida em Paris, deixaram de protestar Henri de Régnier, Paul Fort, Madame de Noailles... E o Sr. João Ribeiro nada soffrerá.





Cinema Para todos...



REVISTA DEDICADA AOS INTERESSES DA CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO - CHEFE
OPERADOR

Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1922

COLLABORADORES
VARIOS

A NOSSA CAPA

ELAINE HAMMERSTEIN, estrella da Selznick, não é das mais conhecidas artistas entre nós, si bem popularíssima nos Estados Unidos. Nascida em New York em 1897, tem 1,64 de altura, 60 kilos de peso, olhos azues e cabelos pretos.

No proximo numero — WESLEY BARRY.

Chronica

Os futuros programas

Em outro lugar desta mesma pagina encontrarão os nossos leitores uma noticia recém-vinda da Norte America, denunciadora de que já começa a ter effeito o programma esbelado pelos grandes productores, em recente convenio, de que resultou o convite a Will Hayes para dirigir a associação então fundada e que se destina á defesa da produção americana contra a concorrência mundial.

Sabe-se que o First National, associação fundada por exhibidores, mas que com o seu grande desenvolvimento já é hoje uma das mais formidáveis organizações produtoras do mundo, depois de incorporar a marca de sua produção os films dos Associated Producers (30 films, por anno, mais ou menos) tem de fazer uma combinação financeira com a Goldwyn, pela qual esta empresa (a custa da qual corre, diga-se desde já, varias produções de real successo no mundo inteiro, nestes ultimos dois annos) se obriga a produzir sómente 18 films annualmente, de cuja distribuição abrirá mão em favor do First National.

Mais se sabe ainda que o First National não quiz fazer parte da associação que Will Hayes preside, por motivos que, apesar de não allegados, podem perfeitamente ser encontrados na rivalidade cada vez mais accentuada entre esta e as outras empresas produtoras dos Estados Unidos, maior entre ella e as outras do que destas entre si. Delimitam-se assim os campos.

A Paramount, associação de fartos recursos financeiros também, depois de absorver a produção da Realart, de que só a marca actualmente subsiste, acabará por incorporar a Metro, embora essa noticia se tenha por mais de uma vez desmentido.

Se por um lado essa luta de interesses trará, certamente, grandes vantagens pelo apuro cada vez mais rebuscado das produções, por outro lado tenderá, apesar da economia realçada com a fallencia do systema stellar, ao encarecimento dos films.

Essas são na realidade as duas grandes empresas que se disputarão o predomínio no mercado mundial. Entre ellas porém, permanecerão as outras, algumas das quaes nossas conhecidas e frequentadoras dos nossos cinemas e o grande grupo dos independentes, que servirão para supprir a quantos fugiam das exigências que necessariamente hão de ser cada dia que passa mais extorsivas.

A Paramount já é senhora de um vasto mercado em nosso paiz. O First National não tem representação ainda entre nós. Alguns dos seus films passarão agora através dos salões da Brasil Cinematographica, sendo que os films dos Associated Producers, antes da incorporação, já estavam concedidos á Corporation Argentino-Americana de Films, respeitada essa concessão no contracto posteriormente feito entre as duas empresas produtoras.

Desenvolvidas assim as suas actividades, é natural que o nosso mercado venha também, apesar da sua insignificancia

actual, a ser disputado, pois a aspera luta a travar-se estender-se-á de certo ao mundo inteiro.

Aguardemos pois que os factos se encarreguem de justificar os nossos prognosticos, certo o publico brasileiro de que, sejam quaes forem os resultados, só terá a lucrar pela melhoria dos nossos programas.

OPERADOR

The Cat that walked Alone, film da Paramount com Dorothy Dalton, Milton Sills e Wanda Hawley, será dirigido por George Melford.

O film Lady Hamilton da R. Oswald Film foi muito bem recebido pela critica italiana, ao ser exhibido em Roma.

A GOLDWYN E O FIRST NATIONAL

A Goldwyn acaba de passar por uma grande transformação administrativa. Samuel Goldwyn, seu fundador e por muitos annos seu presidente, deixou esse lugar, sendo substituido por J. Godsol. Sam. Goldwyn continúa porém a fazer parte do Conselho Director. Parece estarem já ultimadas as negociações entre a Goldwyn e o First National, em virtude das quaes todas as produções daquela marca serão d'ora avante distribuidos pelo ex-Circuit. Não é verdadeiramente uma absorção que se dá, porquanto as duas empresas se conservam independentes administrativamente. O First National entretanto intervirá na escolha dos enredos e direcção da produção.

No contracto a Goldwyn se obriga a produzir 18 films annualmente, que serão necessariamente, pelo reduzido numero, super-produções.

A Goldwyn tem sido ultimamente felicissima em sua produção, que alcança da critica os mais rasgados elogios. Os defeitos dessa empresa tem sempre corrido á conta da má distribuição. Ora, o serviço da distribuição da First National é, pela natureza de sua constituição mesmo, excellente.

O ponto fraco dessa empresa tem sido a produção que só ultimamente de meados de 1921 para cá tem melhorado, raros sendo os films anteriores a essa data, se exceptuarmos os de Carlito e de Mary Pickford, que valham á pena se ver. E tanto a sua direcção isso reconheceu que em meados do anno passado entabou negociações que chegaram a bom termo, passando a distribuir os films dos Associated Producers.

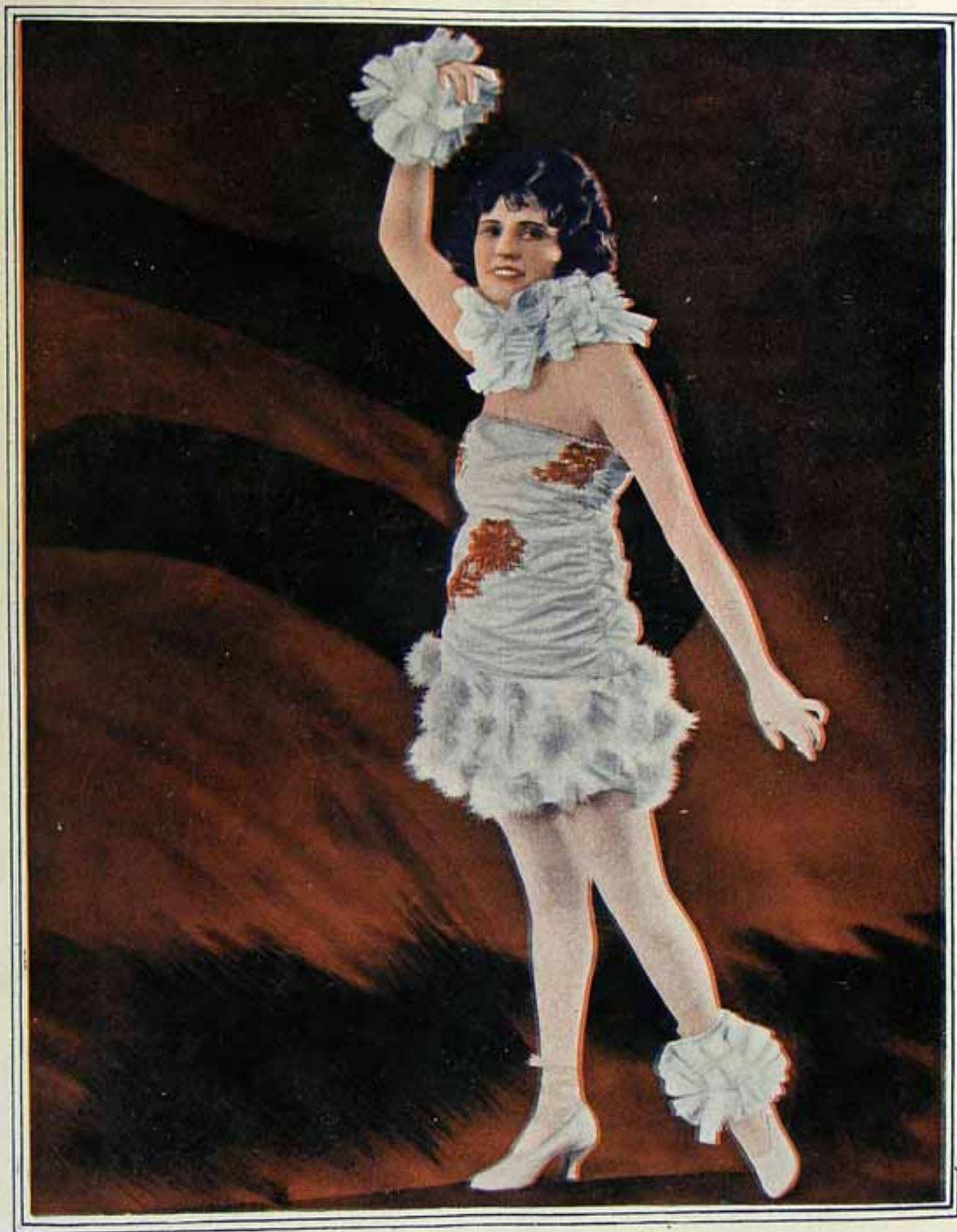
A combinação financeira ora feita orça por 15 milhões de dollars (120 mil contos).

O primeiro film a ser executado pela Goldwyn, em virtude desse contracto, será "O Apostolo", extrahido do romance de Hall Caine, que nós em tempos publicamos nesta revista. Será feito na Inglaterra, sob a direcção de Maurice Tourneur. Se se fizer effectiva essa formidável combinação, nenhum incidente intervirá que a dificulte, o ex-First Circuit passará a occupar na industria cinematographica norte americana um lugar de grande preponderancia.

Em Beyond the Rocks, June Elvidge apparecerá ao lado de Gloria Swanson.

CECIL B. DE MILLE, depois de uma longa viagem pela Europa, regressou a Los Angeles a 8 de Fevereiro passado. Sua primeira produção será Mas. lighter.

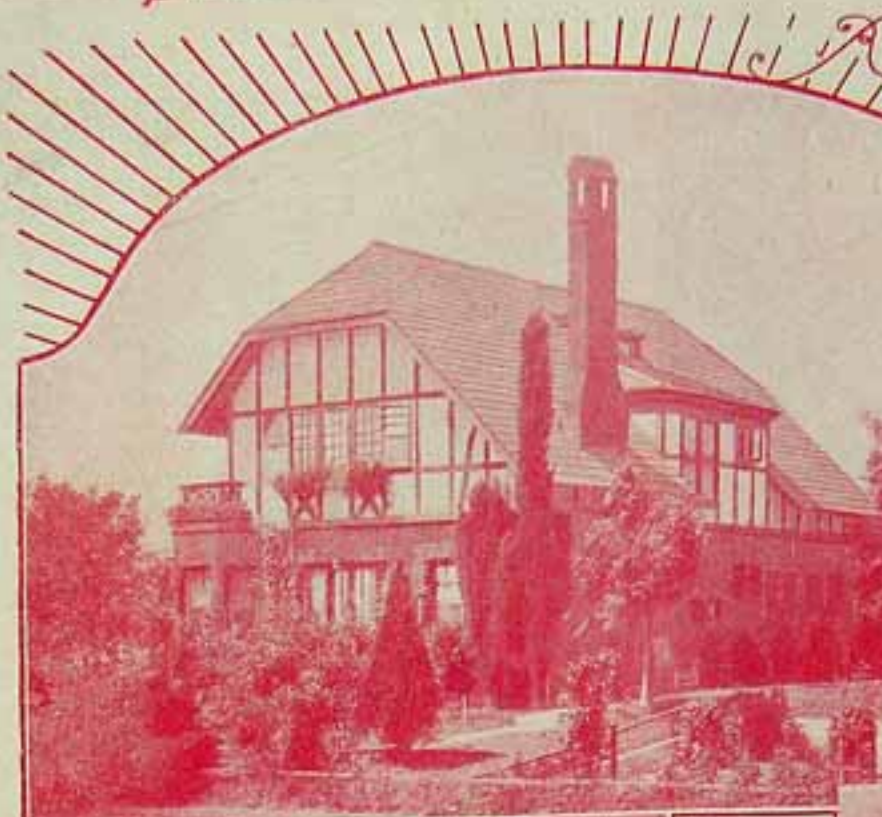
As futuras produções de CHARLES RAY serão distribuidas pelos United Artists, que já contam em seu seio alem de Mary, Carlito, Douglas e Griffith, George Arliss e Nazimova. Com Charles Ray serão agora não os Big Four mas os Big Seven.



FLORENCE LONG

Para todos...

Residência de Artistas



Theodore Roberts na intimidade. — Ao alto a sua residência.

Theodore Roberts é considerado um dos melhores característicos da tela. Raros o igualarão no brilho que elle sabe imprimir nos papéis que lhe incumbem, especialmente nas produções Paramount, empresa para a qual trabalha. Theodore Roberts já é um sexagenário, veterano do palco e do cinema. Seu rosto, a que anda sempre junto um inseparável clarito, é familiar a todos os publicos. Recordemol-o em *Macho e femer*, *Esposas velhas por novas*, *Joanna d'Arc*, *Alguem conta em que pensar*, em que teve seus melhores papéis, e tantos outros nos films mais variados, de todos os generos. Ainda ha pouco, Ince obteve que elle fosse posar no seu grande film constellar *Hall the Woman*, da Associated Producers.

Theodore Roberts vive sociegadamente em uma linda residência que possui nos arredores de Los Angeles, de que damos uma photographia nesta pagina. Os momentos de lazer, desfructa-os elle no seu bello parque.

Helene Chadwick e Richard Dix estão actualmente posando para a Goldwyn *Yellow Men and Gold*, novella de Gouverneur Morris e direcção de Irvin Willat. Rosemary Theby, Henry Barrows e Richard Tucker figuram tambem nessa produção.

When Knighthood was in flower é o novo film da Cosmopolitan, com Marion Davies, Forrest Stanley, Pedro de Cordoba, Charles Gerard, Macey Harlan, etc.





Lila Lee ensinando a uma companheira de trabalho os mysterios da "maquillage".

Entrei para o cinema por gracejo

(Gladys Walton)

Eu não pensava absolutamente em trabalhar para a tela. Entrei devido a um gracejo. Foi o caso que ao acabar os exames do terceiro anno na Escola Superior de Portland, Oregon, fui com minha mãe a S. Francisco, em visita aos meus avós. Depois de nessa cidade passarmos alguns dias, fomos a Los Angeles, em visita a uns tíos. Foi esse tio que por cacoada incitou-me a entrar para o cinema. A cousa sorriu-me como uma brincadeira de estudante. Que surpresa faria eu ás collegas quando lhes dissesse que havia posado para um film!... Fui com meu tio ao studio de William Hart, mas ali fui reusada; não havia logar... Um amigo nosso deu-me então uma carta para Hampton Del Ruth, e esse contractou-me logo para figurar em comédias, pagando-me á razão de 25 dollars por semana, o que me pareceu quantia fabulosa para uma estrella de cinema tão moça quanto eu era. Eu não dissera ao Sr. Hampton Del Ruth que tinha vontade de volver aos meus estudos pelo outono; mas passados tempos offereceu-me elle um contracto com maiores vantagens, e então mamãe e eu resolvemos ficar em Los Angeles. Pouco depois Lyons e Moran offereceram-me um papel de importancia em sua producção, *O divorcio de Lucilla*. Foi assim que entrei para a Universal e inciei, de facto, minha carreira cinematographica, para a qual um gracejo familiar me encaminhara.

A Alameda dos Pavões (Peacock Alley), de Mae Murray, está passando em

Londres. A Alameda dos Pavões é a alta sociedade americana, que uma dansarina parisiense (Mae Murray) casada com um rico americano tem que atravessar para attingir a felicidade.

Existem na Alemanha actualmente 456 fabricantes de films, 628 locadores, 428 importadores e exportadores e 3.750 theatros-cinemas.

Lil Dagover posou para a Decla *A morte fatigada*; para essa mesma marca, Werner Krauss, Greta Schroder-Matray e Joseph Klein posaram *O circo da vida*.

O dividendo distribuido pela Ufa foi de 12 % em 1921.

Gaston Glass, Rosemary Theby, Wallace Beery, Kenneth Harlan, Alice Lake e Noah Beery foram contractados para figurar nos films que passará agora a produzir a Edwin Carewe Pier.

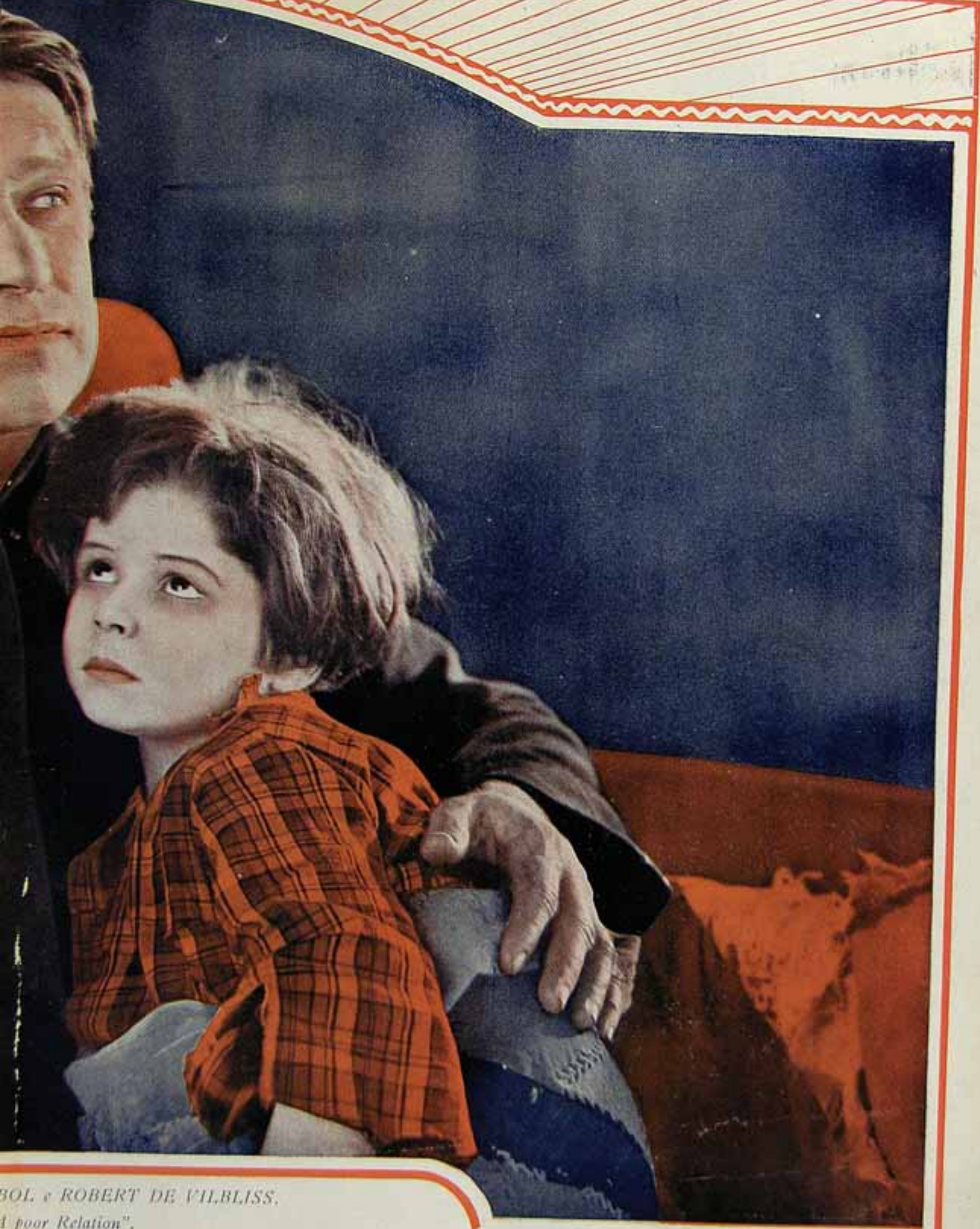
Jack Holt terá como sua *leading-woman* Bebe Daniels, no film *I'at of Paradise*.



Earl Rodney, da Christie Comedies.



WILL ROGERS, JEANNETTE TUCKER
no film da Goldwyn



BOL e ROBERT DE VILBLISS.
"A poor Relation".

Divertimentos de Bebe

Bebe Daniels, nascida no Texas, região tropical, em sua infância não gostou dos divertimentos favoritos das crianças filhas do norte, na estação invernal. Não é demais, pois, que os adote; agora que ella já está longe da infância (não muito, é verdade). Os sports de inverno ella os pratica com pertinácia e constância, usando



o patim, o sky e outros. O que mais custou a Bebe foi o sky, o magnifico exercicio das gentes scandinavas. A primeira vez que os calçou custou a mover os passos; depois que conseguiu fazel-o seu primeiro salto foi seguido de um tombo magnifico. Mas Bebe é perseverante e por isso mesmo hoje é considerada exímia em todos esses sports.

OS PERIGOS DA CARREIRA CINEMATOGRAFICA

(Hoot Gibson)

Grande numero de pessoas me têm escripto, dizendo-me que tendo apreciado sumamente varias de minhas fitas, pedem-me detalhes, entretanto, para saber se certas passagens das scenas que viram são reais ou fingidas apenas. Ora, eu que tantas vezes tenho arriscado a minha vida para que a camara photographica surprehenda, para deleite do publico, essas scenas, não posso deixar de rir francamente, ao me perguntarem se nesse trabalho, quando ha risco de vida, eu me faço substituir por pessoa mais tremada, para a qual esses exercicios de agildade sejam simples brincadeira.

Quantas scenas me acodem então á mente! Lembra-me, por exemplo, de que em uma das minhas recentes produções, feita na Universal City, me vi obrigado a saltar de cima de uma casa sobre o lombo do meu cavallo que estava na rua. Saltei com effeito, mas o cavallo, assustado com o barulho da luta disparou antes de eu chegar em baixo, de sorte que fui bater no chão com a maior violencia. Nessa occasião eu teria certamente preferido que

outro fosse o que estava a representar, tal foi o choque recebido.

De outra vez tive de atravessar um rio de uma para a outra margem. Diziam que era um rio, mas de torrente, profundo e bordado de escolhos, por entre os quaes se precipitavam as aguas em estrondo. Em uma das scenas tive que atravessar o rio com quasi 40 pés (13 metros) de largura, proximo de um rapido. Naei até chegar a esse rapido, mas ali não pude mais sustentar-me e fui levado pela corrente, afundando, surtindo à tona, enquanto impassivel, na margem, o operador continuava a fazer girar a manivela da machina. Só quando a minha mão alcançou uma rocha, a que me apeguei com todas as minhas forças, pude considerar-me salvo. E é preciso notar que nem ao menos, em semelhante aperto, podia reclamar soccorro. Scenas como esta tantas vezes tenho passado, que já não estranho.

Por ali se pode ver como são fingidas as scenas que filmamos.

NAZIMOVA NA "A CASA DA BONECA"

A grande artista russa, depois de concluir o seu contracto com a Metro, passou-se para a United Artists Corporation, que já conta com o concurso de Carlito, Douglas Fairbanks, Mary Pickford, Charles Ray, George Arliss e Griffith, e com esta nova aquisição evidencia o seu desejo de figurar entre as grandes empresas cinematographicas norte americanas.

O primeiro film de Nazimova agora é *A casa da boneca*, de Ibsen, assás conhecido em nossos theatros. Nazimova no papel de Nora encontra motivos bastan-



tes para dar expansão ao seu temperamento artistico. Foi um dos seus melhores trabalhos no palco, justamente aquelle que a consagrou definitivamente como a interprete ideal do grande escriptor norueguez.

Rebe' Daniels, que é filha de calido Oeste, diverte-se com o gelo na sua recente estadia em New York.



Para todos..



Alice and Lucille King

Romance perdido

"The Lost Romance"

Film da Paramount — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Mark Sheridan	Jack Holt
Allen Erskine	Conrad Nagel
Sylvia Hayer	Lois Wilson
Elisabeth Erskine	Fontaine La Rue
Bibliothecaria	Mayme Kelso
John	Robert Brower
Allen Erskine Junior	Mickey Moore
Ama	Barbara Gurney
Official de policia	Clarence Geldart
Detective	Clarence Burton
Mathilde	Lilian Leighton

Elisabeth Erskine enfrentou, sem tibiêza, rem rancor, os annos que se seguiram á primeira desillusão do seu coração de moça, e esse desgosto, longe de a fazer má para o resto da vida, accresceu á sua physionomia aquelle toque de calada tristeza que ainda mais accentuava a perfeição da sua formosura. A sua vivenda de La Acacia, aninhada numa encosta das montanhas da California, povoada de rosas, perfumada pela bondade dos dias ensolarados que iam correndo e daquelles em que vivera ali uma missão de religiosos hespanhões, homens de estudo e de virtude, — parecia ter-se embebido do mesmo raro espirito de gentil benevolencia, que era o encanto da senhora do solar. Todo o seu lar parecia de facto permeado pela mesma meiguice, pela mesma amabilidade que resumbrava daquelle jarrão de rosas que ella guardava constantemente florido na sala mais sua, e que era ainda um tributo prestado ao amor que fôra e á sua immortalidade.

Quiz o Destino que um dia animassem esse repousante scenario da sua residencia dois homens e uma moça. Era de prever que dali decorressem, como decorreram, grandes acontecimentos, — notavel entre todos uma apparição de Amor, uma rivalidade que não excluiu traços de amizade e lealdade, e o subito despertar de alegrias, de esperanças, de desesperos e de tragedias.

Por "tia Betty" conheceram os visitantes essa mysteriosa Elisabeth, que se movia num ambiente de belleza e de doce bondade entre as pessoas do seu mundo. "Tia Betty" lhe chamavam tambem amorosamente as creanças, a quem ella dava todos os dias uma hora de alegria, com as historias de fadas que lhes lia na bibliotheca da cidade. Muitas outras solteironas de idade incerta, como ella, se teriam talvez sentido com aquelle qualificativo: não assim Elisabeth, senhora de suave sabedoria.

Justamente quando Sylvia Hayer, a bibliothecaria ajudante, andava faminta de romance, pois via correr monotonamente os annos, entre as obrigações do seu ministerio e as blusas e saias lisas que lhe eram correlatas, surgiu o convite para umas férias de descanso em La Acacia. E foi assim que succedeu animar-se a casa da tia Betty da presença de uma alegre comitiva, em que brilhava Sylvia, que ali veio a encontrar Allen Erskine, joven estudante de cirurgia e sobrinho da dona da casa, e Mark Sheridan, um *sportman* aventureiro, grande amigo de Elisabeth, a quem o ligava uma platónica affeição.

E' provavel que a principio a polidez dos dois homens suffocasse um impulso

de aborrecimento, quando viram immiscuir-se uma rapariga nas férias que elles pretendiam passar junto da tia Betty, estendidos á vontade nas cadeiras de vime, em trajes de verão e de cachimbo na bocca. Mas que podia um vago resentimento como esse, ante os singelos encantos de uma moça como Sylvia, de mais a mais encaminhada pelas sabias e experientes mãos da tia Betty?

Allen e Mark começaram a interessar-se por Sylvia desde a primeira noite em que ella desceu para jantar, envolta num velho chale hespanhol, arrancado de uma das arcas em que a tia Betty afezrolhava as suas lembranças. Parece que aquelle tecido opulento guardava ainda nas suas pregas um pouco da garridice da velha Granada, tanto assim que elle deu logar a um brinde a Castella, brinde esse que, mesmo Sylvia, simples como era, logo comprehendeu ser-lhe destinado.

Isto foi o principio. Vieram depois noites de luar no jardim, junto ao tanque de aguas crystallinas, com ausencias periodicas da tia Betty, que se afastava, com graça sorridente, afim de não entorpecer o caminho do romance.

Mas o verdadeiro principio foi na noite em que Sylvia, depois de se retirar cedo, appareceu, para contemplar o jardim, beijado pelo luar.

Allen, que andava entre as rosas, a remoer tristezas, voltou-se, ao ouvir a janella abrir-se, e divisou a linda silhueta emoldurada nos festões de glycínias que subiam do parapeito. Quasi inconscientemente, approximou-se e chamou pelo nome a divina apparição:

— Sylvia!

Foi como que uma exclamação suffocada. Aquillo tudo tinha ares de magica: elle, havia tantas horas, a encher com ella o seu pensamento, e ella, de improviso, a apparecer-lhe mais linda do que em todas as suas poeticas divagações!

A moça recuou, entre deleitada e surpresa.

— Desça, Sylvia!

Dentre a folhagem, appareceu-lhe a cabeça a acenar que não; mas a palavra foi pronunciada num cicio quasi sob o alvoroço causado pelo inesperado da scena.

Não se retirou porém, e Allen ficou a tamborilar com os dedos o *treillis* florido, dizendo-lhe coisas vagas sobre os encantos da noite.

Mark, ás voltas com o seu cachimbo, surgiu de sob a arcada engrinalhada de rosas, e viu-os. Lentamente aspirou a ultima fumaça e mecanicamente sacudiu o cachimbo. Com estudada calma, caminhou para a janella.

— E eu que sempre achei que Romeu era um louco! — observou Allen a Sylvia, pondo os olhos na sua janella.

— Tambem eu só depois de chegar aqui é que vim a saber o que é romance. — suspirou Sylvia. — Não sei como vou ter coragem de partir, quando tiver que voltar ao mundo!

Allen sent'a-se tão confuso e enleado como se fosse um menino. Tamborilou mais uma vez o *treillis* da janella e disse, fitando os olhos de Sylvia:

— Que esplendido seria se pudessemos viver para sempre, neste romance!

Sylvia ficou surpresa ao ver approximar-se Mark. Allen voltou-se e viu-o tambem.

— E' muito boa hora dos meninos e meninas bem comportados se recolherem ao leito, — disse o mancebo com um ar de paternal solicitude, affectando uma severidade que a expressão do seu semblante desmentia.

Allen fingiu-se por sua parte aborrecido e voltou-lhe as costas, intimando-o, por esse gesto, a que se fosse embora. Muito ao contrario, porém, Mark tomou tambem posição junto á janella.

— Se isto é romance, tambem eu quero um pedacinho!

Sylvia corou, com um arrepio de secreto prazer.

Na penumbra, ao fundo do pateo, viu-se



Indecisa...



A volta do marido.



A noite de angustias.

passar a tia Betty com um livro na mão, a caminho do seu quarto. Sorriu tristemente, ao ver o trio junto à janella: — dois homens e uma moça. Bem sabia ella o que aquillo significava!

— Bem, agora vou retirar-me — disse Sylvia.

Lançou um sorriso a ambos, e a um e outro estendeu a mão, pela janella entreaberta.

Sumiu-se depois e as cortinas cerraram-se por detrás della. Um momento ficou ali a meditar sozinha, estremecendo de ventura. Depois, avistou as rosas frescas, sobre a mesa de toilette. Impulsivamente tirou da jarra duas, presas a uma só haste, e voltando à janella, pela abertura das cortinas, as atirou aos seus adoradores.

Mark e Allen apanharam-n'as ao mesmo tempo, sem que nenhum quizesse ceder. Um junto ao outro, muito sérios, permaneceram por momentos, segurando as rosas. Depois, resolutamente, Mark perguntou a Allen:

— Dize, Allen: isto é um caso verdadeiramente sério para ti?

Allen, por um aceno, confessou que sim.

E Mark soltou as rosas e afastou-se um passo.

Allen seguiu-o porém, e perguntou por seu turno:



O momento da aparição.



As pesquisas inúteis.



O romance achado.

— E para ti?

— Para mim também.

Assim chegaram os dois a comprehender-se: por alguns minutos, nenhum pronunciou palavra. Por fim Mark pousou a mão no braço de Allen:

— Não devemos deixar entretanto que isto traga qualquer arrefecimento entre nós ambos.

— Não, não devemos.

Allen falava impulsivamente. Depois separou da haste as duas flores e entregando uma a Mark:

— Campo aberto e sem favores!

Assim o accordaram.

E os dias passaram entre actos de uma rivalidade franca e leal, entre galanteios e cortejos que deixavam Sylvia a tremer de contentamento. Pois não eram aquella alegria, aquelle romance, sufficiente compensação dos annos tristes, inemotivos, banaes, que haviam preenchido a sua vida passada?

Depois veio aquella noite, de que todos tres se lembrarão para sempre, em que Sylvia dedilhava o piano brandamente, para si mesma. Mark, Allen e a tia Betty confortavam-se ao calor da lareira de La Acacia. Os dois homens buscavam interessar-se numa partida de xadrez; mas a tia Betty bem os via, ora um, ora outro, estenderem os olhos para o outro lado da sala, onde estava Sylvia. Era claro que não tinham preso ao jogo, nem o pensamento, nem o coração.

Nada disso escapava aos olhos observadores da tia Betty, que também, de quando em quando, se esquecia a considerar Sylvia, — causa deste ambiente de tensão constante que parecia ter penetrado para sempre em La Acacia.

John, o fiel copeiro e mordomo da venda, entrou com um envelope, interrompendo muito a proposito a situação.

— Aqui estão as photographias, rapazes! — disse a tia Betty. — Rasgou o envelope, e os tres ficaram á mesa, a examinar as provas, rindo-se dos instantaneos com que cada qual tinha feito prova da sua competencia de amador. Por fim, veio o retrato de Sylvia.

Mark e Allen, ao mesmo tempo, tentaram alcançá-lo, mas logo os dois, envergonhados, retiraram a mão, promptos a ceder um ao outro. Notou-se em ambos um esforço para retomar a affectada serenidade de antes, e os dois se empertigaram com frieza reciproca.

A tia Betty considerou por alguns instantes o incidente, e logo se interpoz entre os dois:

— Mas que é isto? Ha uma porção de tempo que ando notando uma mudança em ambos vocês. Que é que houve? Digam-me.

Mark e Allen olharam um para o outro e trocaram um sorriso sonso. Desviando porém os olhos, fitaram-n'os em Sylvia, que continuava a dedilhar o piano, inconsciente da scena que se passava em volta.

Com um imperceptível aceno de cabeça, a tia Betty disse-lhes então baixinho:

— Comprehendo agora... E' Sylvia...

Allen, mais moço, mais impulsivo, voltou-se rapidamente para a tia Betty:

— Estamos ambos apaixonados por ella... Ha muitos dias que o sabemos e... temos agido lealmente um para com o outro... Mas qual de nós deve propôr-lhe casamento primeiro? Eis a questão!

Mark corou, o que era uma confirmação das palavras do outro.

A tia Betty conservava-se perplexa, sem saber o que decidir. Ali estava uma

situação que a deixava embaraçada, a ella mesma, com todo o seu tacto, com toda a sua prudencia e amabilidade. Mas por fim acudiu-lhe a solução:

— Porque não deixam que Sylvia decida? Será aquelle a quem ella se dirigir primeiro, — depois que os a chamar. Está combinado?

— Pois sim! — concordaram em unisono, anciosos ambos, com um interesse que não buscavam dissimular.

Com as photographias na mão, a tia Betty aguardou que Sylvia chegasse ao fim da musica que estava executando. Desviaram-se os dois rapazes simulando que estavam occupados, e logo se ouviram a tia Betty chamando:

— Olha, Sylvia: estão aqui as photographias!

Sylvia levantou-se, a correr, do piano, anciosa por ver os retratos.

Rapidamente, fazendo commentarios sobre uma e outra, examinou-as todos, até chegar á sua propria photographia. Atirou então a cabeça para traz, riu com delite, e voltando-se para os dois rapazes, que a observavam, nervosos:

— Não está engraçada esta, Mark? — e apresentava-lhe o seu proprio retrato.

Mark sobresaltou-se e procurou dominar-se de sorte a poder articular uma affirmativa agradável. Fel-o com um olhar de triumpho endereçado a Allen, olhar esse que Sylvia, entretida como estava com os retratos, não pôde surprehender.

O Destino pronunciava a sua sentença! Tranquillamente, a tia Betty fez signal a Allen, e Sylvia e Mark acharam-se sós.

Abstracta, os olhos mergulhados em algum sonho fugaz, Sylvia ouviu a confissão com que Mark aplacou por fim toda a ancia faminta do seu coração. O silencio em que ella se mantinha animava-o a ter esperanças, e por isso o mancebo pegou-lhe na mão. Mas, no instante em que lhe sentiu o contacto, Sylvia como que despertou para a comprehensão exacta das palavras que elle dissera, para a consciencia de que não o amava, realmente:

— Não, Mark; não posso!

Houve no rosto do rapaz uma expressão de magua immensa, de profundo desapontamento.

— Perdôe-me, Mark, sim? — disse a moça, estendendo-lhe a mão.

— Está bem, Sylvia, — retrucou o mancebo, com toda a coragem que conseguiu reunir.

Mal á vontade permaneceram um junto do outro, por um instante, sem que proferissem palavra. Por fim Sylvia falou, indicando ao mesmo tempo a tia Betty e Allen, que tinham sahido do aposento:

— Vou dar-lhes as boas noites.

Mark curvou a cabeça, viu-a passar de frente de si e sahir, e ficou para ali inerte, a deixar-se consumir pelo martyrio das suas penas.

Tia Betty e Allen estavam sob a arcadia das rosas, quando Sylvia appareceu. A moça estava visivelmente perturbada; não cessava, a cada momento, de observar a porta da sala de onde acabava de sahir. A tia Betty a situação afigurava-se tão clara como se houvesse assistido a toda a scena recente. Discretamente, ingenuamente, retirou-se, deixando sós, ao luar, Sylvia e Allen.

Longo tempo se conservaram os dois jovens calados; mas por fim Allen apprehendeu que resposta havia dado Sylvia a Mark, na entrevista de ha pouco. Deu-lhe um salto o coração, e sentiu uma coragem nova. Approximando-se de Sylvia, pegou-lhe numa das mãos:

— Sylvia, amo-te! — começou.

Tremia-lhe a voz, suffocava de emoção, mas o seu supplicio foi breve. Um instan-

te depois, estavam os dois enlaçados num abraço. Sylvia via finalmente satisfeita a sua sede de romance!

Voltando ao interior da residência, a tia Betty encontrou o inconsolável Mark, que ainda conservava na mão a photographia daquelle que o repudiara. Ao sentir aproximar-se a senhora do solar, voltou-se, sem reflectir na photographia que lhe denunciava o pensamento nem disfarçar a expressão do semblante, que proclamava o seu pesar.

O coração de Elisabeth Erskine como que se adeantou para Mark; um movimento irreflectido fel-a caminhar para elle, mas logo dominando-se, disse:

— Meu amigo, nem sempre o amor encontra retribuição!

— Quem sabe, talvez que seja tudo pelo melhor! — respondem Mark, sacudindo a cabeça, tristemente. — Sabe? Estou resolvido, afinal de contas, a fazer a minha expedição ao Amazonas.

A tia Betty mal poudo reter a tempo o seu sobresalto. Não queria que Mark percebesse que essa deliberação a magoava.

— Posso levar isto commigo? — disse, indicando o retrato de Sylvia.

— Não, Mark. Para que levar para o ermo das florestas um objecto cuja presença prejudicará o tempo, no seu poder de applicar o soffrimento?

— Pouco importa: sujeito-me desde agora ás dores que houver de soffrer! — disse, apertando os maxillares, numa attitudde de resolução.

♦ ♦ ♦

A lua de mel de Allen Erskine e sua noiva foi tão rica de venturas romanticas como o poderia desejar o coração de Sylvia, e no meio de alegrias iguaes se passou o primeiro anno do casamento. O joven medico fazia rapidos progressos na sua carreira; ia ganhando, dia a dia, melhor reputação. Veres havia em que se chocavam a voz do dever e a voz do amor; mas, sem embargo disso, os dois iam resolvendo os seus problemas quotidianos com coragem e com um raro bom senso. Logo a seguir, foi o advento de Allen Erskine Junior, uma creança adoravel, filha de paes que se adoravam tambem.

Escoaram-se cinco annos, com o corollario inevitavel das muitas mutações, da accumulção das pequenas coisas da vida, que são como o pó das éras, a embaciar as janellas que se abrem sobre o Jardim do Romance.

A crise final pareceu imminente, quando appareceu uma oportunidade de Allen consolidar a sua fama profissional, tomando parte num caso clinico famoso; essa oportunidade veio, porém, num momento inadequado, porquanto impediria uma excursão a San Francisco, em que a senhora do lar fazia grande empenho. Fati-gada, entediada das lides caseiras, da contabilidade domestica, dos mil e um detalhes importunos em que se decompõe o encargo de viver, Sylvia antegosava de ha muito essa viagem. Para Allen, ao contrario, antes de mais nada estava a sua profissão. Dahi o conflicto, com a sua sequencia de lagrimas quentes, de palavras duras, de recriminações vehementes...

Nessa conjunctura, ou para melhor dizer, bem em meio dessa scena, appareceu-lhes a tia Betty, que chegava do seu pacifico retiro de La Acacia.

Sentado no chão, o joven Allen, a quem todos agora chamavam "Junior", esforçava-se por proseguir nos seus brinquedos, muito embora, com o seu tino infantil, percebesse que se passava algo de anormal. Sylvia procurou enxugar os olhos e offerrecer à tia Betty o mesmo sorriso de outr'ora, com que sempre a acolhia em suas visitas. Allen, pelo seu lado, simulou estar

occupado e poz-se a assoviar, com uma forçada attitudde de distracção que, já de si, o denunciava.

Tia Betty rocurou trazel-os ás boas, e soube ser jovial, e firme e resoluta. Para ella, os dois não passavam de duas creanças.



O filho perdido.



A volta do viajante.



Tia Betty era nova ainda.

— Vamos lá: contem-me como foi, o que houve...

E, tal qual como creanças, cada um procurou contar a coisa á sua feição.

— O que eu sinto não é o sacrificio da viagem ao teu trabalho! — soluçava Sylvia. — O que me entristece é sentir que o romance morreu para sempre, que tu já deixaste de me querer!

Tia Betty riu-se de ambos, e procurou pôr termo ao debate.

— Com que então, morreu o Romance, morreu o Amor — tudo? E a vida não tem mais graça?

Simulava, com ergraçado tom tragico, um completo desespero.

— Qual historia, meus amigos! O que houve foi cousa muito diversa: é que vocês deixaram as pequenas cousas da vida accumularem-se de tal modo sobre o seu romance, que agora já o julgamos perdido. O que, porém, vocês perderam, foi apenas uma cousa: o seu bom humor!

Sylvia tentou uma nova interrupção, com as lagrimas a affluirem-lhe numa torrente aos olhos.

— Basta! nem mais uma palavra! — accentuou, com ar imperativo. — Vocês dois vão visitar-me — os dois sozinhos — e encontrarão o seu romance, que julgamos perdido, no mesmo lugar em que primeiro o encontraram: no meu jardim.

— E acha que o encontraremos? — disse Sylvia numa attitudde de quem esperava, mas sem esperança.

— De certo, seus tolos!

A confiança, a bella confiança de tia Betty, infundiria coragem ao mais timorato.

Allen e Sylvia esforçaram-se o mais que puderam desde que chegaram, sozinhos, á casa da tia Betty, depois de entreguem Junior á guarda de Mathilde, a criada de confiança do casal.

Mas na primeira noite em La Acacia, Sylvia, ao descer, elegantissimamente vestida com uma *toilette de soirée*, encontrou Allen esticado num sofá, junto ao lume, numa attitudde das menos romanticas, chuchurreando um cachimbo, engolphado num jornal. O marido nem deu por ella.

Sylvia passou então ao "patio", installou-se num banco, com uma rosa na mão. Iniciou o movimento necessario para prender a rosa nos cabellos, mas logo deixou cahir o braço desanimadamente. Que adiantava isso? Para que?

E deixou-se ali, a tóa, sem saber o que fazer.

Antes que ella tivesse tempo de falar, Allen teve um sobresalto, com uma noticia que encontrou no jornal. Levantou os olhos immediatamente, e descobrindo a presença da tia Betty, solicitou a sua attenção para a folha impressa. Juntos, debruçaram-se os dois sobre um artigo que narrava a volta de Mark, ausente havia mais de cinco annos nas florestas do Alto Amazonas, na America do Sul. Ansiosos, leram a noticia, commungando na mesma alegria. Finalmente chegaram ao fim do artigo. Fez-se uma pausa:

Allen deu um suspiro:

— A vida de Mark deve ser uma gloriosa aventura de romance!

— Vamos, coragem! — dizia a tia Betty a rir. — A vida de toda a gente podia ser uma gloriosa aventura romantica. Mas era preciso não esquecer: porventura, ha cinco annos, quando o senhor viu Sylvia no jardim, pela primeira vez, poz-se a ler o jornal?

Allen levantou os olhos para a tia Betty, que resmungou baixinho:

— Vá, vá ter com ella... como um bom rapaz!

(Continua no fim da revista)

A mulher do meu vizinho

... e o outro lado
... "O Homem do Meu Vizinho"

Film Realart — Produção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Dorothy Ralston	WANDA HAWLEY
Dr. Frederick Ralston	CLYDE FILLMORE
Mr. Cambridge	Sidney Bracey
Mrs. " "	Rosita Marstini
Togo	Misao Seki
Gussie	Thena Jasper
Mrs. Trent	Mary Winston
Conservador	Jacke Abrams

— Só um pouquinho, amorzinho! — supplicou o Dr. Ralston. — Preciso disso para acalmar os nervos. Estive toda a noite passada, ajudando a povoar o mundo, e quem sabe se esta noite estarei na mesma fama, até de manhã!

Dorothea recusava-se obstinadamente a entregar ao marido a chave da "cellarete" que guardava o whisky. Pelo menos, fazia-o tão obstinadamente quanto o pode fazer uma jovem esposa que adora o seu lindo maridinho; quanto o pôde fazer uma deliciosa loirinha de olhos de anil e cabelos louros, em cujo rosto era tão difícil encontrar uma attitude de seriedade como é difícil encontrar uma bandeira alemã, arvorada numa repartição postal franceza.

— Mas como é isso? Ha apenas quatro semanas tu dizias-me que a minha belleza era tão embriagadora que as leis da prohibição nenhuma importancia podiam ter para ti: será possível que os meus encantos tão depressa perdessem o seu valor?

O medico suspendeu-a nos seus braços fortes e com ella sentou-se numa confortável cadeira de braços. Pouco importa o que um ao outro disseram, pois é facil adivinhar. O certo entretanto, é que poucos minutos depois, Dorothea franqueava a "pharmacia de urgencia" a seu marido.

Depois, como um conselho:

— Vê lá, não vás faltar á hora da tal fama que me disseste! Sem vós, medicos, que havia de ser das que povoam o mundo!

O Dr. Ralston apanhou o casaco e poz-se a procurar a escova de chapéo. Não a encontrou no lugar.

Dorothea observou, por instantes, os esforços do marido para encontrar o objecto perdido, e o seu rosto foi durante esse tempo um verdadeiro compendio de dissimulação. Depois, como visse que ia rum crescendo a irritação do medico:

— Olha, maridinho. Não fiques zangado comigo: Margarida tinha um par de sapatinhos decotados que só calçara uma vez, — não, duas vezes. E como ella gostava muito daquella tua escovinha de prata...

Cobriu-se a physionomia do medico de uma nuvem de colera.

— Já sei: trocaste com ella? A mesma mania de sempre! Já me prometteste dez vezes acabar com essas barganhas, com essas trocas e baldrocas, mas não ha meio! E's peor que um caixeiro judeu, peor que um vendedor de cavallos! E o mal é que quem faz o peor negocio és sempre tu!

Dorothea desfez-se em lagrimas sinceras. Era a primeira questão que mareava seriamente o esplendor da sua lua de mel,

e o peor é que as lagrimas — ella bem a via — não surtiam effeito!

— Se estás resolvido a ser mesquinho assim, é melhor que eu volte para casa de manhã! — soluçou a moça.

— Se achas que é ser mesquinho recordar-te que violaste uma promessa, que me mentiste, podes ir e dá lá saudades!

Bateu a porta com força e desappareceu.

Gussie, logo que julgou opportuno, compareceu e acalmou os animos com as suas ponderações:

— E' o tá mampanço, o tá ido, — declarou com convicção inabalavel, apontando um mamarracho Azteca que baixava o seu olhar imbecil sobre aquella scena de lagrimas. — Desde que o doutor trouxe aquelle bichinho para casa, nunca mais deixou de *huvé* turumbamba! Bem basta os *aborrecimento* que Deus manda! Quanto mais trazer ainda aquelles *asá cá* para casa! Eu, se fosse a senhora, mandava o patrão levar aquelle bichinho para donde veio! Cá por mim, peço todos os dias a Nosso Senhor que me livre do máo olhado do *tá boneco*!

Nosso Senhor dera por certo ouvidos, ás supplicas da negra. Tanto assim que nesse mesmo momento um dos seus mensageiros apertou o botão da campainha electrica da porta. Gussie reconheceu-o logo. Era um authentico filho de Jehovah, o eterno, carregado de chales armenios, que trouxera talvez para attenuar o acto sacrilego que commettia, transpondo os humbraes de um lar christão.

Tão evidentemente preparara Deus esta situação que Gussie chegou a sentir como que uma exaltação religiosa, ao adoptar uma norma de proceder que outros quicá classificassem uma manha de negro.

— Ah, patrão! — exclamou — Que chales mais lindos! Olha só; apalpe elles, patrão! Veste um, para ver como a senhora fica feito um anjinho do céu!...

Jámais houvera tristeza tão pungente na vida de Dorothea que não pudessem dissipar a o clarão deslumbrante de uma seda vistosa ou de um tecido de luxo.

— Mas como ha de ser, Gussie? exclamou a moça desesperadamente. — O doutor saiu, e não me deixou um vintem!

— E não tem nada por ali que se possa negociar? — disse o judeu, a principio por gestos e depois verbalmente.

A affirmativa a respeito do erario da patrão não foi novidade para Gussie, que acompanhava os acontecimentos correntes mais de perto do que se lesse a edição quotidiana do *New York Herald*.

— Dê-lhe o *ido*, patrão, — segredou a negra por traz de um chales.

Dorothea accitou o conselho e o vendedor accitou o idolo. Talvez que no Novo Mexico, a essa hora, algum padre se saudasse aos sobressaltos, no seu tumulto.

Apenas os passos apressados do Israelita cessaram de ouvir-se no corredor, Dorothea mudou de idéa:

— Antes eu tivesse escolhido o *côr* de rosa! Dar-me-la mais *côr* ao rosto...

Gussie offereceu-se para tentar uma troca. Conhecedora do temperamento hebreu, calculou intelligentemente que o curso do commercio partiria dos andares bai-

xos para os altos do edificio. E assim chegou ella á porta do aposento dos Cambridges, no andar superior, antes que o copeiro japonês que os servia tivesse cerrado a porta, para a entrada dos chales christãos e do seu hebraico conductor.

Os Cambridges e os Ralston não tinham relações sociaes, mas Saki e Gussie tinham sido mais humanos e expeditos. Após o tempo necessario para conduzir o peripathetico negociante ao gabinete do seu amo, Saki deu entrada, sem bulha, á creada de Ralston.

Puzeram-se os dois á escuta:

— Leve isso daqui! Leve isso daqui! — resmungava Cambridge.

O que foi a resposta não o puderam ouvir, mas viram-n'o através uma fenda da porta. Ao abrir um chales para fazer a reclamação de sua mercadoria, o judeu poz á vista o idolo que tinha debaixo do braço.

— Quanto queres por isso? — pergun-



A agua que passarinho não bebe.



O vidro de sés.



Onde está a chave, bemzinho?

tou o outro — Esse boneco parece que está na mesma situação do que eu. Diz bem comigo!...

Gussie sentiu um arrepião e afastou-se do seu posto de observação.

— Porque é que elle diz aquillo? — disse baixinho — Só algum mandingueiro pode desejá té em casa um diabo daquelles!...

Saki explicou:

— O honrado Cambridge casou ha pouco. Era um artista, mas pintava só raparigas...

E, á guiza de illustração, o oriental apontava na parede, como specimen das actividades artisticas de seu amo, raparigas e mais raparigas, só raparigas, como dizia Saki, com grande hilaridade da negra.

— Agora, casou-se. Sua honrada esposa não gosta de—como se chama aquellas mulheres? — modelos. Quer que elle pinte por manequins. Honrada esposa é — como se diz? — hespanhola!

O japonês, pela expressão do seu rosto azeitonado, completou o que na sua meia lingua elle não sabia exprimir, — o grande prejuizo que a arte soffrera com essa resolução da esposa de Cambridge.

Depois, abruptamente, o japonês mudou de assumpto:

— Sabes onde está chave?

— Pois então! — affirmou Guise.

A lingua que perlustrou os labios do copeiro não pintaria melhor uma impressão

de secca absoluta, se reveitada estivesse pela poeira alkalina do proprio Sáhara.

— E quando?

— A patroa vai á cidade daqui a pouco. Quando você vir na sahida de incendio um vaso com planta, desce. Podes levá-la as mãos ao ceo por té uma amiguinha como eu, em casa de um doutor!

Depressa foi feita á troca do chale, e Guise voltou para junto de sua ama, com a noticia de que o mamarracho mexicano tinha encontrado novo lar. Conforme a negra previra, a Sra. Ralston, pouco depois, foi dar uma volta pelas lojas. A planta sentiu-se feliz quando, passados instantes, a puzeram na sahida de incendios, a receber o ar fresco. A presteza com que o homenzinho amarello obedeceu ao signal indicava tambem claramente que o responsavel pelo seu sustento o deixara a sós por algum tempo.

O japonês achou Miss Gussie menos embriagadora do que as beberagens da "cellarete" do doutor, mas sem embargo disso, com ardis e taticas melhores do que nenhuma mulher branca poderia improvisar, Miss Gussie soube ganhar attencões que a sua imaginação ampliou em experiencias reaes. Quando os dois se separaram — ella para acudir ao toque de campainha da Sra. Ralston, elle para voltar pelo caminho por que viera — o japonês pareceu hesitar entre deixar-se ficar em descanso na escada de ferro, ou acolher-se ao retiro tranquillo do seu aposento, para ali ceder ás correntes com que já o subjugava Morpheu.

Dorothea, de volta a casa, trouxe uma visita, uma amiga intima. Gussie estava em boa disposição para luas de mel, e não suscitou objecções a mais uma audição do que haviam sido as passadas quatro semanas. Tão pouco oppoz embargos á apresentação dos *negligés* do enxoval nem a vestil-os em sua ama, pois no mais intimo de seu pensamento lhes annetecia para breve um destino melhor. Pois não haviam já as meias de seda da senhora adornado algumas vezes as suas franzinhas extremidades? Porque não havia de succeder outro tanto com aquelles vestuarios nocturnos, se... se algum dia...

Consoante é seu habito, sempre que está em andamento algo de interessante, o telephone interrompeu a conversa. Era o Dr. Ralston.

Dorothea respondeu, um tanto belligerante; dahi a pouco denunciou um sobresalto. Com forçada naturalidade proseguiu ao telephone, mas todo o seu rosto se cobriu de um véo de terror. Disse então a Gussie que se retirasse da sala.

— Desta vez é que eu fiz tollice! — exclamou a noiva para a sua visitante. — Imagina que eu e Frederick tivemos hoje a nossa primeira scena a proposito daquelle escovinha de prata que eu troquei pelos teus sapatinhos razos. A' tarde, pouco antes de sahir, troquei um velho idolo Azteca, que Frederick tem ha uma ou duas semanas, por um chale da Armenia que um judeu me veio aqui offerrecer. Agora, estava-me elle telenhonando justamente que aquelle mono vale milhares e milhares de dollars; que foi o curador do Museu Nacional, velho amigo de seu pae, que o confiou á sua guarda porque sabia que os ladrões estavam com os olhos naquella "preciosidade". A direcção do Museu substituiu-o por outro igual de gesso, deixou que os ladrões roubassem esse, e assim capturou uma boa parte da quadrilha. E Frederick acaba de tocar para me avisar, justamente, que o curador vem aqui buscar o verdadeiro, — o tal que eu troquei, santo Deus!

Dorothea esperava depois disto que a sua amiga retorquisse. "Como os homens

são perversos!" ou qualquer outra coisa neste estylo. Longe disso, porém, o que della partiu foi uma opinião muito menos agradável, mas com um tremendo poder de convicção.

— Mas Dorothea — exclamou sua amiga — o menos que te pode succeder é seres presa e iras para a cadeia!

E com estas palavras partiu apressada, como se já receasse que a detivessem como testemunha material do delicto.

Dorothea reflectia na situação, e quanto mais reflectia, mais se enchia de medo. Resolveu então tocar para o aposento dos Cambridge, pôr tudo em pratos limpos — muito mais facil do que frente a frente — e offerrecer o pagamento, por seu marido, do que porventura o Sr. Cambridge houvesse empregado na aquisição da imagem.

Esse plano fracassou. O porteiro informou que a senhora Cambridge, que estava fora da cidade desde varios dias, á cabeceira de sua irmã doente, ha uma hora que debalde tentava chamar seu marido pelo telephone interurbano, sem obter resposta. O que Gussie podia ter explicado sobre o beato somno do copeiro, não o revelaria a criada, mesmo que a patroa á mettesse em confidencias; mas é obvio que Dorothy fez mal em não pedir auxilio da sua dependente.

O que ella fez, porém, foi despachar Gussie para maior distancia, e assentar um pequeno *raid* cuja execução ficaria a seu cargo. Lançou um olhar furtivo á sahida de incendios. A escalada até o andar superior não era coisa que assustasse a quem, como ella, tinha feito grande pratica de gymnastica. Mas sentiu faltar-lhe a coragem, ao abrir a janella.

De repente recordou-se do que o doutor costumava fazer para acalmar os nervos. Retirando a chave da "cellarete" do esconderijo habitual a que Gussie já a havia restituído, abriu o cofre e tirou uma garrafa do melhor whisky escocês. Despejou uma generosa libação num copo e ingeriu-a, de um gole. Aparte uma sensação de ardor na garganta, não houve outro effeito immediato. Dorothea resolveu portanto uma segunda libação, e depressa sentiu chegar-lhe a coragem uma coragem que subia por ella acima, como se tivesse azas. Galgando logo a janella aberta, foi subindo a escada de ferro.

Não descobriu, porém, na atrapalhada do momento a cabeça de Gussie que, adivinhandos factos sensacionais, não se puzera a maior distancia, como lh'o determinara sua ama; mas, ao contrario, tinha acompanhado, com os olhos a sahirem-lhe das orbitas, a orgia da patroa, seguindo-a até perto da janella.

Saki estivera por demais preocupado para cogitar de detalhes de menos importancia, taes como o fechamento da sua janella. O caminho para o idolo não apresentava impedimento, e depressa, com uma jubilosa exclamação, Dorothea lhe passou a mão.

Mas é vezo do homem dormir profundamente, sempre que ha necessidade delle, e não deixar jámais de acordar quando ninguém o quer desperto. Dorothea distinguira, ao entrar, meia dúzia de japonezes reclinados em divans turcos; mas só quando todos elles, ao mesmo tempo, se levantaram e se puzeram a esfregar os olhos, é que ella percebeu que todos e'les eram um só copeiro por quem muito desagradavel seria deixar-se surpreender, no momento de estar fazendo mão baixa no que era propriedade de seu amo. Assim, pois, muito tranquillamente, encobrendo-se o mais que ponde, Dorothea esqueceu-se por detraz de uma armadura de cavalleiro, ali proxima.

O japonês, por algum tempo, occupou-



Esqueceu-se por traz de uma armadura...



A' caça do gato.



Perlucse em um pé.

se com uma e outra coisa, dentro da sala, ao mesmo tempo que a moça buscava aquietar a sua respiração tumultuosa. Depois, soaram passos pesados, apressados, na saída de incendios, e Gussie atirou-se pela janella a dentro.

A sua entrada precipitada surprehendeu o japonês, que tudo ignorava sobre o dilemma que a Sra. Ralston tinha a resolver.

— O doutor mi correu de casa, damnado da vida! — exclamou Gussie, abraçando-se ao attonito copeiro, como se elle fosse o apoio natural para tão negra vergonha.

— Mas por que? que você fez? — indagou o japonês, procurando agitar a negra de modo tal que a perpendicular do seu centro de gravidade cahisse na base della, e não na sua.

— Nada! — declarou Guise, numa explosão que proclamava a offensa feita à sua dignidade. — Só porque eu disse a elle a verdade *saugélica*: que a mãe tinha sahido, e estava *bebo* como uma gambá!

Na parede, junto á estante, Dorothea avistou um retabulo com a inscripção: "Não deixes para amanhã o que possas fazer hoje", mas achou mais prudente esperar.

O copeiro estava agora matutando por quanto tempo lhe seria possível aguentar com o peso dos dois, mas dessas preocupações o livrou o som de uma chave, a girar na fechadura, e logo Cambridge penetrou no aposento, sem perceber senão a gambá irreverente de Gussie, a transpor a janella.

— Ah, bandido immundo! Tens então uma amante, não é verdade?

Saki curvou a cabeça:

— Não sei mentir, — declarou o perjurado. — Não é minha culpa que as mulheres gostem de mim! Que culpa tenho eu de ser sympathico assim?

O artista, após o passeio que dera no parque, sentiu-se vigoroso agora.

— Vem dahi, Saki, — desafiou — Dois golpes de jiu-jitsu serão o teu castigo!

Lutaram até o artista perder o folego. Depois, num intervallo, Saki entrou a explicar uma péga nova. Cambridge quiz immediatamente experimental-a. Ao parar o ataque, porém, o pé de Saki escorregou justamente quando tentava evitar a seu amo uma queda perigosa. Perdido o equilibrio, o japonês não conseguiu o seu proposito, e a cabeça de Cambridge bateu com força numa mesa, numa cadeira e finalmente no chão. Saki observou-lhe por um momento o semblante, branco como um jaspé, e logo correu em busca de um medico.

Horrorizada pela idéa de que acabava de ser testemunha de uma fatalidade Dorothea sahio do seu esconderijo. Conhecendo apenas um remedio de que por vezes usara, poz-se em busca de saes inglezes. Descobriu-os por fim, applicou-os ao nariz do paciente e viu-o ir recobrando, a pouco e pouco, os sentidos. Do collo della, onde pousava a sua cabeça, o paciente, primeiro olhou para cima confusamente; sorriu depois, e acabou por soltar uma ruidosa risada.

— E's tu, bemzinho? — perguntou — Pensas que não te vi quando saltaste a janella? E quando voltaste?

Dorothea, cautelosa, mas resolutamente, poz-lhe a cabeça outra vez sobre o assoalho.

— Espero bem que não me tome pela amante do seu copeiro! — exclamou, com indignação.

— Ah, sim? Então... espera lá... quando foi que tu *posaste* para mim?

Com a mesma firmeza, Dorothea o aliviou da illusão de que ella fosse um modelo.

Cambridge levantou-se.

— Pouco importa. De todo o modo somos amigos: dá-me um beijo!

Ella fugiu-lhe; mas, gracejando, insistindo, implorando, elle continuou a perseguila.

— Dou-te o que quizeres, se me deres um beijinho só, um beijinho á toa!

Dorothea poz os olhos no idolo:

— Jura pela luz desses olhos que a terra ha de comer um dia!

— Juro!

— Está bem: acceto em troca aquelle idolo!

Como já houvesse desaparecido o sentimento que o levava á acquisição da imagem, Cambridge não poz difficuldade em concordar.



Quería roubar meu marido.



Está tudo preso!



A explicação final.

O beijo veio mais depressa do que elle esperara. Dorothea investiu para elle, tocou-lhe os labios, apanhou o premio ajustado e avançou para a janella.

Mas Cambridge cortou-lhe o passo.

— Não, isso não é serio! — protestou. — Isso não é beijo que possa satisfazer ninguém!

Negocio é negocio! — declarou Dorothea.

E a perseguição recommençou para só terminar abruptamente, quando o pé da noiva bateu num caco de vidro, de uma jarra que momentos antes se partira.

Cambridge mostrava-se agora extremamente solícito. Com o auxilio de um pou-

co de agua oxygenada e algumas ligaduras tentou reparar a avaria, mas á vista do sangue a paciente cahiu num deliquio.

O artista estava ainda em actividade quando Saki voltou. O japonês, muito satisfeito por já encontrar bom o seu amo, contou que achara um medico, não na rua, aonde fóra na sua atrapalhadação, mas naquelle mesmo edificio, no andar inferior.

A prompta chegada do Dr. Ralston confirmava as declarações do oriental.

Cambridge explicou em poucas palavras a situação. O doutor havia de querer, talvez, ver o rosto da moça? Tratava-se apenas de uma creada de quarto de uma casa proxima, explicou, mas era um *bijouzinho* tentador!...

Ralston estava pouco em maré de creadas de quartos. Viera porque lhe fóra dito que era um caso de vida ou de morte. Só isso o fizera interromper as suas diligencias para descobrir o paradeiro da sua malfadada esposa, bem como da negra que lhe servia de famula, e a quem reservava um summario assassinato. Assim pois, limitou-se a um relance de olhos ao pé ferido e á meia que fóra obrigado a rasgar para effectuar o curativo. Quanto a Cambridge, aconselhou-o o medico a que descesse ao seu gabinete para receber com urgencia os concertos que o seu semblante reclamava.

Um chamado telephonico que a Sra. Cambridge conseguiu finalmente fazer chegar ao seu destino, para annunciar que sua irmã estava melhor e que já se achava a caminho de casa, determinou Cambridge a apressar a resurreição e retirada da sua hospede involuntaria. Mal se pôde ella sentar, Cambridge não fez cerimonia em lhe declarar que a sua prompta partida lhe seria muito agradável, depois do que a deixou a sós, enquanto elle ia ao andar de baixo receber o tratamento cirurgico necessario.

A senhora Ralston, ao entrar cautelosamente em seu aposento, meia hora depois, deteve-se um momento a repór o idolo Azteca no seu pedestal, antes de se dirigir ao gabinete privado do medico, e deixou a Gussie, que manifestava uma certa "alegria," o encargo de receber um individuo que se annunciara á porta, á dona da casa, como um inspector do serviço de electricidade.

Sra. Ralston compartilhava um pouco da "alegria" da sua serva; mas isso de per si não justificava o grito que ella soltou ao encontrar Cambridge estendido na cadeira do cirurgião.

Não era porém só ella presa de semelhante agitação: o paciente denunciava perturbação identica. Tanto assim que o medico se viu obrigado, em breve, a amarrar-o á cadeira dos curativos.

Um momento depois, o Dr. Ralston suspendeu as suas labutas profissionais e fitou a esposa com dureza:

— Tira esse sapato! — disse indicando a perna conjugal em que apparecia um talho na meia de seda.

Desacordada como estivera no *atelier*, Dorothea obedeceu com menos relutancia do que mostraria, se pudesse saber o que se tinha passado. Com um safanão, atirou longe o sapato.

Um cadaver não poderia apresentar-se mais pallido do que se fez o rosto de seu marido. O homem estirado na cadeira poz-se a vociferar, proclamando a sua innocencia. Para mais agravar a difficil situação, ouviu-se a voz de um policia que á porta repellia Gussie, para que o deixasse passar, de envolta com outra voz de contralto hespanhol, a bramar por vingança.

— Ora até que enfim a temos, linda (Termina no fim da revista)

Uma alma em conflito

"Earthbound"

Film da Goldwyn — Produção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Nick Desborough . . . Wyndham Standing
Jim Rittenshaw . . . Mahlon Hamilton
Caroline Desborough . . . Naomi Childers
Daisy Rittenshaw . . . Flora Revalles
O Dr. Galloway . . . Alec. B. Francis
Connie Desborough . . . Billie Cotton
Harvey Breck . . . Lawson Butt
Miss De Windt . . . Kate Lester.

OPINIÕES DA CRÍTICA

Este film fez, justamente, um grande successo nos Estados Unidos. A sua novidade, as altas questões de moral que aborda, a satisfação que offerece a todas as secretas aspirações humanas, suscitam em quem o vê as mais intensas emoções. A interpretação de todos os artistas que nelle tomam parte é incomparável, a technica da *mise-en-scène* e a photographia foram levadas até o ultimo limite da minudencia.

La Cinematographie Française—Paris.

— Dizem então que Jim Rittenshaw perdoou a mulher? — disse um dos palradores do New Netherlands Club para os ociosos, aconchegados em volta, nas confortaveis cadeiras do salão de espera.

— O que tu devias dizer não era isso: é que Deus perdoou a Jim Rittenshaw, — replicou Harvey Breck.

— Vejo que continuas a falar por metaphoras, Harvey, — disse o primeiro que falara com aquelle sorriso complacente que era de todos, quando tratavam de Breck ou lhe falavam, a elle. Consideravam-n'o todos um lunatico, — um lunatico inoffensivo, é claro. Não havia perigo de que elle fizesse um escandalo como Rittenshaw fizera, se bem que a tal provocado.

Breck era entretanto um typo especial, um aluado, um sonhador, e a sua mania era intrometer Deus e a vida futura nos assumptos mais vulgares da vida quotidiana. A's vezes divertido, ás vezes importuno; mas, a despeito disso tudo, não havia quem não gostasse d'elle.

— Talvez vocês gostassem de saber os pormenores secretos do caso de Rittenshaw, se eu lh'os contasse rapidamente,

sem recorrer áquillo a que vocês chamam "metaphoras", — disse Breck para os demais tagarellas.

A noticia era promettedora. Houve um murmurio de ansiosa expectativa, e as cadeiras se approximaram para mais perto de Breck. Todos sabiam que elle era mais intimo que ninguem de Jim Rittenshaw e Nick Desborough, e a convicção geral era até que tinha sido elle quem havia persuadido Daisy Rittenshaw a depôr voluntariamente no processo do marido. Se Breck se resolvesse a dizer o que sabia, com certeza seria interessante.

— E' claro que grande parte do que eu vos vou contar, já o sabeis, — disse Breck. — Mas vou começar bem do principio, e se eu descansar para o mysterioso, haveis de ter paciencia de perdoar-me porque ás vezes me é bem difficil perceber a linha divisoria entre o que qualificaes de real e de irreal.

— A cousa, verdadeiramente, principiou quando Nick Desborough, Jim Rittenshaw e eu, estavamos todos na Universidade. Não sei como veio a succeder que eu me tornasse intimo amigo de dois sujeitos tão obstinados: provavelmente foi pela mesma razão por que as mulherações sempre acabam por casar com caturrinhas. Os extremos attrahem-se. Ambos eram favoraveis a uma educação pratica. Quanto a mim, feliz ou infelizmente, os meus antepassados tinham-me eximido da necessidade de ganhar a vida, de maneira que me consagrei á philosophia. Sem embargo disso, Nick e Jim costumavam entregar-se a longas cogitações para apurar se de algum modo eu poderia tirar do que estava aprendendo quaesquer meios de subsistencia.

Certa noite, nos meus aposentos, insur-



Só tu, só tu podes salvá-o...



Puê eu que lhe pedi que fugisse commigo...

gi-me contra as idéas d'elles. Disse-lhes que a philosophia offerreia o unico meio de descobrir aquillo para que realmente vivemos, e accrescentei que todos deviamos viver para alguma coisa. Desafiei-os a exprimirem por meio de um credo a sua idéa da vida, o que elles fizeram após uma longa discussão. Eis o credo que escreveram:

"Nem Deus, nem peccado, nem vida futura. A sobrevivencia do mais apto. Cada um para si".

Era apenas um collegial alarde de egoismo, de arrogancia juvenil. Entretanto, esse credo escripto em tão poucas palavras e fanfarronamente assignado não deixou de ter sobre a vida de ambos uma grande influencia. Foi dahi que começou a tragedia Rittenshaw.

A semente, durante dezeseis annos, esteve escondida no chão, dormindo segundo todas as apparencias. Graduámo-nos, e Jim, bem como Nick, foram para o commercio. Ambos venceram, ambos se casaram, ambos pareciam ter tudo quanto de melhar um homem pode desejar. Caroline, a esposa de Nick, era-lhe dedicada. Algumas vezes, depois que a tragedia occorreu, ella accusou-se de ter descurado sua elegancia, especialmente depois que lhes nasceu Connie, a filhinha: mas creio que, se o seu porcedimento fosse o opposto, não se teriam modificado as cousas. Convencidos como estavam do seu credo — "Cada homem para si mesmo" — Nick e Jim estavam fadados a um desastre.

A esposa de Jim, ao contrario, não perdia uma occasião de se tornar attrahente, fosse para Jim, fosse para qualquer outro. Daisy Rittenshaw absorvera as idéas de seu marido a respeito da vida: cada um tinha direito a quanto estava ao seu alcance, pertencesse a quem pertencesse. Nick veio a cair na orbita de sua fascinação irresistivel. Está muito bem dizer-se que, seja qual for a crença de cada um, o primeiro artigo do edicto da honra de um homem de bem consiste em respeitar como cousa santa o lar de seu amigo. Não ha porém código de honra—vos affirmo — em face desse principio que diz: "Nem Deus, nem peccado, nem vida futura". Ora Nick e Jim viviam por esse



O credo em que viviam...

credo, e Daisy nelle igualmente commun-gava.

O que lhes quero fazer ver e que, se as circumstancias se invertessem, Jim teria agido exactamente como agiu Nick, de maneira que o seu quinhão de culpa foi igual ao do morto. Nick e Daisy attrahiram-se um ao outro, encontraram-se clandestinamente, cortejaram-se, e finalmente resolveram fugir juntos. Caroline amava por tal modo Nick que a sua intuição lhe deu aviso do que se ia passar; no seu desespero, não sabendo o que fazer, correu a Jim e avisou-o.

O que depois se passou, todos vós o sabeis. Na tarde em que Daisy esperava Nick para ir com elle, Jim encontrou-o nesta escadaria e matou-o, com um tiro no coração.

Segundo o proprio credo de Nick era, para elle, o fim definitivo, — um montão de carne morta, ao sopé da escadaria, um cadaver que agora ia ser necessario transportar para qualquer parte e enterrar de qualquer modo. E nunca mais se pensaria nisso! Dentro de uma hora, porém, eu tinha a prova dupla de que Nick havia afinal verificado que a vida não é uma coisa que comece com o corpo e com elle termine.

Como eu fosse o mais intimo amigo dos dois homens, coube-me a tarefa de annunciar o facto ás duas esposas. A casa de Rittenshaw ficava no caminho da casa de Nick. Daisy estava á espera no hall, e bastou-me olhar para os seus olhos, para saber que Nick tinha ali estado antes de mim. Ella virá qualquer coisa que não sabia o que era, e recebera uma mensagem do homem por quem esperava. Ella comprehendeu tudo, apenas me viu. Não precisei falar.

— Jim matou Nick! — exclamou, e cahiu inanimada.

Não havia nada que eu pudesse fazer, e tinha pressa de ver Caroline antes que de outra parte lhe chegasse a noticia. Tarefa mais cruel, essa, porque eu sabia como Caroline era dedicada ao marido, sem suspeitar entretanto, me parece, o caracter das relações entre elle e Daisy. Quando cheguei á porta senti uma sensação estranha. Conheco a impressão que se tem quando alguém se aproxima de nós no escuro, — a nitida sensação de que está perto de nós uma pessoa que não nos toca, que não podemos ver? Pois bem: eu sabia que Nick estava junto de mim; sabia-o tão bem que involuntariamente olhei em volta, e supliquei:

Aconselha-me o que hei de dizer, Nick!

Deste ou daquelle modo veio-me a segurança de que, na posse da clara visão que agora era prerogativa sua, Nick me ditaria as palavras necessarias, quando chegasse o momento. Caroline parecia tambem preparada para receber a minha noticia, mas foi mais forte que Daisy. Da parte d'ella não houve hysterismos, nem explosões de lagrimas: um quasi im-

(Termina no fim da revista)



E vê, vê distinctamente Nick

A ordem não admittia impugnação.

Allen levantou-se, endireitou nervosamente o collarinho, e depois de agitar o cabelo, encaminhou-se para o jardim.

Vendo-se a sós, tia Betty apanhou o jornal de novo, releu sofredamente a noticia do regresso de Mark, e sentiu que o seu coração mais uma vez a levava para junto d'elle.

Quando Allen penetrou no jardim, Sylvia sentiu-se arrebatada por uma nervosa antecipação do que devia passar-se. E procurou estar prompta, tentou resuscitar a emoção, o interesse, o sentimento de coquetterie que ha cinco annos a haviam assaltado naquella mesmo lugar. Assumiu então uma attitudão sonhadora, e sentiu-se penetrada por um delicioso alvoroço. Allen aproximou-se e ficou detraz d'ella, sem dizer palavra.

Sylvia não se movia, mas o seu coração palpitava, pre-gozando a scena. Que surpresa lhe ia elle fazer? Anciava por saber. E esperou. Mas nada aconteceu. Voltou-se então. Allen estava detraz d'ella, a dar corda ao relógio. Suffocou um hocejo com a mão, e sentou-se então ao lado da esposa.

Sylvia buscava dissimular o seu desapontamento. Elevou até o rosto a rosa que tinha na mão, passando-a sobre os lábios. Mas Allen franziu a testa:

— Acho imprudente inhalar assim, seguidamente, o aroma dessa rosa. Muitas vezes, nesta época do anno, as flores geram febres de mão caracter naquelles que lhes aspiram o perfume!

O romance estava definitivamente morto, aniquilado para sempre!

E Sylvia começou a estralhar a rosa, em pedacinhos.

A entrada principal da vivenda, fóra das vistas de quem estava no jardim, John, o copeiro, acolhia a essa hora um visitante, que, encostando um dedo aos lábios, lhe ordenava silencio. Era Mark Sheridan, o aventureiro, o explorador ha tanto tempo separado dos seus affectos e do natal torrão.

— Onde está a senhora Erskine? Quero fazer-lhe uma surpresa.

John indicou a sala e Mark caminhou para a porta.

Detendo-se ali um momento, viu tia Betty, sentada num divão, com o jornal no collo. Pé ante pé, chegou detraz d'ella, e arrancando com cautela uma rosa da jarra, que adornava uma mesa contigua, levantou os braços sobre a cabeça de Elizabeth, sem pronunciar palavra, e juntou-lhe o collo de petalás rosadas.

Isto, sim, tinha um perfume de romance!

Tia Betty olhou para cima, surpresa, e um franco sorriso irradiante lhe avivou o semblante, mal reconheceu Mark.

— Sou bem-vindo à mansão vossa, — gentil Senhora das Rosas?

Tia Betty levantou-se, examinou-o um momento, mal podendo conter a confissão que lhe enchia o coração.

— Sim, bem-vindo, pois, Mark!

Curvou-se para ella o viajante e beijou-lhe as mãos.

— Voltou bem, — não é verdade Mark?

— Sim, muito bem.

Fóra, no jardim, Allen e Sylvia continuavam sentados, e Sylvia proseguia, tentando resuscitar o perfume timbragador do romance perdido, desde ha seis annos.

— Lembra-te, Allen? Foi precisamente neste lugar que nos promettemos um ao outro?

Allen fez que sim com a cabeça, sem dar outra resposta. Coalharam-se de lagrimas os olhos de Sylvia. Allen observou-a surprehendido, e com um ar em que havia esforço, resignação, mas em que não havia poesia, passou-lhe um braço em volta da cintura. Puxou-a mais para junto de si, e Sylvia considerou-o surpresa, achegando-se mais a elle.

— Apre! — fez Allen retirando a mão de um impeto, e segurando o dedo.

— Que mania essa de te vestires, com tresentos alfinetes!

Sentiram-se ambos então mais desanimados do que nunca. Não havia volta a dar a semelhante situação. Continuaram sentados, um ao lado do outro, tristemente, sem emoção, á toa. E Allen apenas se mexia de vez em quando, inconfortavelmente, pondo os olhos na porta da habitação.

— Isto aqui está triste e humido como um cemiterio. Vamos entrar, sim?

Sylvia deixou escapar uma interjeição que era uma confissão de desespero. Levantou-se depois com um meneio violento de cabeça, e seguida por Allen, caminhou em direcção á casa.

Juntos penetraram na sala, e Mark e tia Betty se levantaram do divão para cumprimental-os. Allen não reteve um grito de alegria. Sylvia ficou perplexa, sem saber o que fizesse. Allen e Mark apertaram as mãos, com effusão.

Sylvia deixara-se ficar para traz, a olhar para Mark, quasi sem poder respirar.

Lentamente, um pouco confusos, aproximaram-se um do outro. Mark tomou de ambas as mãos de Sylvia:

— Espero que a tua felicidade, nestes annos, tenha sido tão grande como a descejo outr'ora.

Os olhos de Sylvia annuviaram-se um momento, mas conseguiu formular uma confirmação, que ajudou com um corajoso sorriso.

Mas Mark pôde adivinhar a verdade.

Tia Betty, sempre diplomata, chamou-os para junto de si, dizendo-lhes que se sentassem.

Allen accitou o cigarro que Mark lhe offereceu, e longo tempo escutaram todos a narração do viajante, sobre as suas numerosas aventuras nos sertões amazonicos.

Sylvia, sentada um pouco á parte, absorvia-se ouvindo não o que elle contava, mas tão só a sua voz. Havia um olhar fascinado, remoto, nos olhos do rapaz. Distrahiadamente, a esposa de Allen retorcia a ponta do lenço que tinha nas mãos. Mark observou-a num intervalo da sua narrativa, surprehendeu-lhe a expressão dos olhos, e viu-a corar, denunciando o seu estado de espirito. Mark ia comprehendendo mais de cada vez, e proseguia na sua historia, mas agora num tom mais leve, que não dava nenhum poder de convicção ás suas palavras. Allen mordida, nervosamente, a ponta do cigarro. Percebia-se uma tensão, uma reserva que os opprimia a todos.

Passaram-se dias, sem que a situação mudasse. Mark e Sylvia, calmos na apparencia, reviviam tumultuosamente em seus corações o romance que terminára outr'ora, e procuravam cerrar os ouvidos aos novos apellidos de agora.

Foi ás ultimas horas da tarde de um dos deradeiros dias da visita do casal, que tia Betty surprehendeu Sylvia dedilhando a sós o piano, e com uma photographia de Mark sobre a estante, defronte de si.

— A senhora tem sido um anjo para nós, mas é inútil, tia Betty. Allen e eu não achámos o que viamos buscar, e é melhor que nos vamos.

Os olhos da tia Betty perscrutaram os de Sylvia, que se pousavam tristemente na physionomia de Mark, representada no retrato, sobre o piano.

— Tenho muita pena... mas talvez seja mesmo melhor, querida.

Tia Betty sentia-se abatida tambem, prompta a desistir; e saiu para deixar Sylvia, a sós, com os seus pensamentos.

Ahi veio Mark a encontral-a, e foi uma circumstancia fatal: era um momento povoado de destinos os mais presagos.

— Acha que o romance possa ter realidade na vida por mais de um anno ou dois? — disse a esposa de Allen.

Depois, reflectindo que já dixerá demais, desviou os olhos, perplexa.

— Ah... me fosse dado provar-lhe que a sua dor é eterna! — segredou Mark com uma voz repassada de paixão.

Sylvia contemplou-o a tremer, e Mark soube ler nos seus olhos o fulgor de uma esperança. Ella queria a prova.

Mark collheu-lhe do braço, e a esse contacto as emoções recalçadas através annos surgiram numa explosão. Os dois se abraçaram, cedendo á repentina sede de sentir que lhes enchia os corações.

Mark afastou-a de si um pouco, e perscrutou-lhe os olhos semi-cerrados.

— Sente-se bem certa, Sylvia?

Ella acenou que sim, e escondeu-lhe a cabeça no hombro.

— Pois então, vamos dizer tudo a Allen.

Essas palavras acordaram em Sylvia a consciencia de uma nova angustia a que não havia fugir.

— Pois sim, amanhã! — segredou.

— Não: agora mesmo! — respondeu elle, dominante e decisivo.

O primeiro passo da confissão venceram-no sem esforço, quando Allen penetrou no quarto, e vendo Sylvia agarrada ao braço de Mark, logo entreviu a verdade.

Sylvia olhou para Allen com um olhar raivoso, buscando encorajar-se para enfrentar a crise proxima, sem desanimo apparente.

Mark fez signal a Allen que tinha que lhe falar.

Allen aproximou-se:

— Que é?

Tinha a voz secca, fria, carregada de apprehensões.

Mark ficou um longo momento silencioso.

— Allen... sinto muito que seja a ti que eu tenha que fazer soffrer... mas Sylvia e eu...

Allen amparou-se á mesa para que o não vissem vacillar.

Tia Betty, que nessa occasião vinha descendo as escadas, parou um momento no patamar intermedio, a observar a tragica scena. Por fim, resolvendo-se a falar:

— Chegou finalmente a hora!

As suas palavras romperam a tensa immobildade da situação.

Allen reteve-se, occultando uma turbacão extrema:

— Se daqui pôde vir a felicidade para Sylvia, estou prompto a restituirlhe a sua liberdade.

Calaram-se os tres, após essas palavras. As feições de Mark como que se coliram de uma onda de allivio e de pesar no mesmo tempo.

Tia Betty aproximou-se, olhou de um para outros, e depois, dirigindo-se a todos:

— Vocês não sabem o que estão fazendo. Colheu-os, a todos tres, um redondo

nha — tantos valores, e por isso consentem que as emoções lhes estejam velando as coisas verdadeiras, as coisas que realmente tem importância na vida!

Mark fez um movimento para o lado de Sylvia, como se quizesse protegê-la; mas a tia Betty, com um olhar, sustou-lhe o gesto. E proseguiu:

— Allen: tens sido infeliz, porque julgas que Sylvia já não te ama. Ella ama-te, posso affirmar-te; somente está cega! E tu consentes que a tua imaginação te impeça de protegê-la!

Allen olhou para ella, attonito, incapaz de uma reacção:

— A senhora... a senhora bem vê que ella não me ama!

Tia Betty virou-se então para Sylvia.

— Tu, Sylvia, estás apenas crendo numa miragem, estás destruindo as coisas reais neste mergulho vertiginoso com que te precipitas no perigoso mar da illusão. Mais tarde, quando reconheceres o teu engano, sentirás um arrependimento duplamente cruel!

Sylvia, dominada pelo despeito, não respondeu ao appello. Lançou os olhos a Allen, e nesse instante o odiou instinctivamente. Porventura fazia elle algum esforço para a reter? Ao contrario, resignava-se com uma passiva facilidade.

— Just'ora sim, tia Betty, acreditei numa illusão, e, em vez d'ella, encontrei o vácuo. Agora, porém, não tenho medo, pois sinto que encontrei a realidade!

Tia Betty voltou-se para a mesa. Restava-lhe uma unica carta, e essa ia jogá-la. Apanhou, de relance, um dos instantâneos de Allen Junior, e interpellou Sylvia:

— Mas então esta creança, tua e de Allen, pertence também a essa illusão de que falaste, e que só te trouxe o vácuo, e nada mais!

Sylvia, espicaçada por um secreto sentimento, ruborizou-se toda:

— Não, isso não! Eu... eu... eu... — mas nada encontrou que pudesse dizer.

O rosto de Mark fez-se grave, á lembrança da creança. Allen desviou o rosto, cabisbaixo.

— Que vae ser desta creança? — A tia Betty punha em acção o seu argumento decisivo.

Allen voltou-se com um movimento brusco, e estendeu o braço para pegar na photographia.

— Não! — exclamou, febrilmente, Sylvia. — Essa creança é minha!

Os olhos magoados de Allen cravaram-se, numa subita expressão de furia, no homem que sua esposa lhe preferira. Envolveu-os a ambos no mesmo relampago de colera, mas Sylvia levantou para elle um olhar carregado de supplicas.

— Eu sou mãe dessa creança, e ella precisa de mim!

Allen cedeu:

— Sim, tem razão. E' da senhora que ella mais precisa!

— Tia Betty — disse, de manso, Sylvia:—vós recolher-me ao meu quarto.

Lentamente, subiu as escadas. Com passo inconsciente, Allen transpôz a porta mais proxima, de certo sem saber para onde se dirigia.

Tia Betty enfrentou então Mark. Com a photographia de Junior na mão, parecia assobrecida por uma subita inspiração:

— Mark: tem a certeza de que Sylvia o ama? de que o que ella presume ser o amor, resistirá a qualquer crise?

Mas Mark respondeu lentamente:

— Que outra crise poderia ser maior do que esta?

— Sim, difficilmente haveria outra maior!

E nenhum outro argumento encontrara,

a tia Betty separou-se de Mark, para ir buscar repouso.

Tres infelizes passaram essa tarde sozinhos, cada qual assentando resoluções contra alguma nova investida de tia Betty. Foi um dia de tristezas, em La Acacia.

Ao cahir a noite, Sylvia havia concluido as suas malas. De pé, no seu quarto, com o sobretudo e o chapéo na mão, confrangia-se-lhe o coração á idéa de que tão breve ia deixar aquelle logar que tão grandes transformações causara á sua vida.

Mark andava a passear agitado, de um para o outro lado, do salão. Mais tarde ali se reuniram todos os personagens desta tragedia da vida. Era a hora da despedida, o miserrimo epilogo deste naufragio em que desapareciam amizades e venturas.

Ninguém sabia o que havia de dizer. As formulas de adeus pareciam vazias, e inadequadas ali. Tia Betty não disfarçava uma grande agitação.

Sou o telephone e o tilintar da campainha causou um sobresalto em todos.

Entrou uma criada e retirou o phone. Escutou por um momento, e sem largar o aparelho, annunciou:

— Um recado importante para o senhor doutor ou para a senhora Erskine.

Allen precipitou-se para o telephone, e logo se lhe alterou a voz:

— Que é que está dizendo?

Quatro silencio durante o qual todos os olhos se cravaram no medico.

Allen pendurou o phone no logar, e offegante, desesperado, relanceou os olhos em volta:

— Junior perdeu-se! Mathilde communica que não o encontra em parte alguma!

Sylvia, de um impeto, perpassou por defronte da tia Betty e Mark, e correu a Allen, junto ao telephone.

— Não, não é possível que a creança se tenha perdido! — exclamou desfeita em lagrimas.

Mark adiantou-se. A sua attitude indicava como elle se sentia pressuroso de ir em auxilio de Sylvia, muito embora se sentisse impotente naquella situação.

Sylvia afezrou com força o braço de Allen. Mark tocou-lhe de leve, mas sem que ella respondesse, apenas significando-lhe com um olhar o seu agradecimento pela parte que o mancebo tomava na sua angustia.

Allen pegou do telephone e chamou a estação policial, a quem fez a descripção do menino. Sylvia, durante todo o tempo que elle telefonou, não se afastou d'elle um momento. Havia uma barreira entre os dois; mas Sylvia era agora apenas uma mãe angustiada, inteiramente irmanada ao marido, na crise que lhes dilacerava, a ambos, o coração!

Tia Betty fez signal á criada para que lhe trouxesse os seus abafos. Estava resolvida a ir com Allen e Sylvia á procura do menino. Mark, mal á vontade, agitava-se de um lado para outro. Depois, interrogando tia Betty:

— Acha que devo ir tambem? — disse, olhando incertamente para Allen e Sylvia.

— Decerto, — respondeu tia Betty num tom cheio de intenções. — Se o senhor é de facto o homem a quem Sylvia ama, ella terá necessidade de si agora!

Em casa de Allen proseguiram as investigações habituaes, por parte do agente policial destacado para tratar do caso. Houve uma infimidade de interrogatorios e acareações com Mathilde, a criada, e exames minuciosos de todas as circumstan-

cias, — mas de tudo isso nada resultou, nada se apurou afinal. Em frente ao bengaleir parara um automovel, por um momento, e minutos depois Mathilde já não pudera encontrar Junior. Era só o que havia de definitivo e certo.

— E' um caso evidente de rapto! — opinava o policial.

— Rapto! — exclamava Sylvia, com os olhos dilatados pelo terror. — E quem ia raptar Junior?

— Vou á estação com o policia, — disse Allen. — Tu fica aqui, e attende ao telephone, se tocar.

E sahiu correndo.

Tia Betty fez signal a Mark:

— Era melhor que deixassemos Sylvia só.

Depois, voltando-se para a pobre mãe:

— Passarei toda a noite junto ao telephone. Se tiveres precisão de mim chama-me, e virei logo.

— Posso ser-lhe util de algum modo? — disse Mark a Sylvia, num derradeiro appello.

— Só descobrindo Junior.

A pobre mãe não tinha outro pensamento senão a creancinha.

Mark approximou-se mais d'ella; mas Sylvia afastou-o, e o mancebo, apesar do seu desejo, não lhe pôde offerecer conforto.

— Não! Vá se embora!

Mark e a tia Betty regressaram juntos a La Acacia.

Passado pouco tempo, Allen voltou a casa.

Anciosa, mas sem esperança, Sylvia logo lhe perguntou:

— Alguma noticia?

Allen sacudiu a cabeça. Sylvia veio para elle e pegou-lhe no braço. O seu coração tomava-se de uma subita compaixão por aquelle semblante livido, exaustivo, attribulado. Levou Allen então para a sala de jantar. Um ao lado do outro, sentaram-se á mesa; mas nenhum dos dois tocou, sequer de leve, na comida. Depois veio a vigilia de longa noite, esperando, esperando. Mas o telephone permanecia mudo.

De volta a La Acacia, Mark, presa de uma forte excitação nervosa, passava as horas a encher e despejar um cachimbo que perdera o poder calmante que tivera sempre.

— Tia Betty!

— Que é, Mark?

— A senhora disse-me que, se ella me amasse realmente, precisaria agora de mim.

— Sim; foi isso...

— Porém ella ama-me! — protestou Mark. — Naturalmente quer poupar Allen nesta situação, mas logo que o menino fór encontrado, ella voltará a mim!

E concluiu a phrase, olhando para tia Betty, com um ar de desafio.

— O senhor acredita que sim? — disse Elizabeth.

Não era bem uma pergunta: era antes um commentario que fazia, para o levar a pensar.

Na casa de Allen, Sylvia, em lagrimas, permanecia ajoelhada, junto ao berço vazio. As suas mãos não se separavam do tin bonequinho com que o pequenito costumava brincar. Allen entrou, e foi encontrá-la assim. Por sobre o leito da creança os dois se abraçaram, murmurando o nome um do outro. Por instantes assim ficaram a encorajar-se para a luta, de tudo esquecidos, ante a dor commum que os torturava tanto.

A espaços, proseguia em La Acacia, o debate entre Mark e a tia Betty. De re-

pena, a bondosa senhora tomou uma decisão.

— Venha comigo, — disse a Mark.

Puxando-o pela mão levou-o para fora de casa, até junto a uma janella, por onde podiam espiar para dentro do quarto de John, o coqueiro.

Mark não pôde reter um grito de surpresa. Sobre a cama do velho criado estava Junior ás gargalhadas, desmanchando com as pernhas rosadas os lençóis e as cobertas, cada vez que o coqueiro lhe as agitava de novo sobre o corpo. A criança estava tão satisfeita por se ver em casa da tia Betty que não podia dormir, e eram vãos todos os esforços que ensaiava o coqueiro para o chamar á disciplina.

Mark, pasmado, desviou os olhos da janella e interrogou tia Betty.

— Mas que significa tudo isto?

— Significa que fui eu que mandei John roubar o menino, como unico meio de vos reconduzir, todos tres, á boa razão, — explicou tia Betty.

— Vou telephonar a Sylvia immediatamente: não quero que ella sofra nem mais um minuto, — exclamou Mark.

Mas a tia Betty pousou-lhe a mão no braço:

— Antes uma noite que uma vida inteira de tristezas, meu amigo. Se Sylvia e Allen não passarem a noite de hoje em vigília por causa desta criança, nunca poderiam comprehendêr que se amam um ao outro como ninguém mais os saberia amar!

O appello da tia Betty era fervoroso e generoso.

Foi um momento critico. Ella sabia que estava arriscada a perder a amizade de Mark para sempre, pois que nem elle estaria disposto a ceder, nem ella.

— Mark: de manhã, o senhor levará o menino e o entregará a Sylvia. Se não se convencer então de que Allen e ella se pertencem um ao outro, então nada mais terei que dizer!

Mark baixou a cabeça, num assentimento.

— Ella não se voltou para si na sua dor, — accrescentou a Dama da Paz; — veremos se o faz na sua alegria!

A manhã, ao romper, em casa de Allen, encontrou Sylvia reclinada sobre um divão e Allen a seu lado, numa cadeira. Fitaram-se com os olhos tristes e cansados.

— Eu não poderia ter atravessado a noite de hoje, se não fosses tu! — disse Sylvia a Allen, em toda a sinceridade do seu desespero. Havia, de parte e de outra, a comprehensão nitida de que dependiam em absoluto um do outro, em face da terrivel crise.

Exhaustos pela longa e dolorosa vigília, adormeceram, Allen na sua cadeira, bem encostado ao divão em que Sylvia repousava.

Aproveitando-se do seu somno, Mark aproximou-se, levando Junior pela mão. Colhendo o menino nos braços, apontou-lhe os paes a dormir:

— Vae acordá-los! — segredou-lhe ao ouvido.

A creancinha obedeceu, na ponta dos seus pésinhos sollicitos. Acariciou com os dedos incertos o rosto de sua mãe. Da porta, Mark acompanhava a scena.

Sylvia abriu os olhos e por-se de pé, de um salto. Assaltava-a o receio de que tudo aquillo fosse um sonho. Puxou o menino para si e apertou-o ao coração. Allen, despertando, estreitou fortemente em seus braços a criança. Depois colheu no mesmo abraço a mãe e o filho, esquecidos de tudo, absorvidos na sua inmensa alegria! De Mark nem faziam caso...

Mark desviara o rosto, como se o perturbasse aquella ventura.

— Mas como foi que este garotinho veio parar aqui?

Mark respondeu aproximando-se e entregando a Allen uma nota da tia Betty:

— Perdõem-me, mas era preciso que vocês vissem uma noite com uma das cousas reais, das cousas que dão valor á vida. Agora, poderão comprehendêr o que é romance!

Allen e Sylvia olharam um para o outro, ao concluírem a leitura do bilhete. Houve um momento de indecisão, mas logo Allen recebeu em seus braços a pobre Sylvia, atrependida.

Era a resposta que os dois davam a Mark, e silenciosamente elle se retirou do aposento, para regressar a La Acacia.

Mark estava com as suas malas, na sala de conversação da residencia, quando tia Betty entrou. O mancebo estava em trajes de viagem.

— Sylvia manda dizer que lhe perdão — disse.

— E o senhor? Vae partir, Mark?

— Vou, sim.

Tirou do bolso uma moldura de couro com o retrato de Sylvia, — o retrato que havia seis annos elle levára consigo para as florestas do Amazonas.

— Quando mesmo ella casasse comigo, jamais deixaria de ser a mãe do pequenino Allen! — disse tristemente.

— E soffre muito por isso?

— Muito, não! — respondeu Mark, surprehendido de si mesmo.

— Algum dia, em algum lugar deste mundo, o senhor encontrará o romance em seu caminhar!

— E quando o encontrar, dá-me licença que lh'o conte?

Tia Betty respondeu arrancando uma flor e enfiando-lh'a na lapella.

Mark pegou-lhe na mão, e beijou-lh'a. Depois desapareceu e só uma vez relanceou o olhar para traz.

Elisabeth Erskine viu-o afastar-se, e sorriu de si para si. Ella bem sabia que algum dia elle havia de voltar, ao seu encontro.

A MULHER DO MEU VIZINHO

FIM

dama, em nosso poder! — disse o policial. E pousou a mão no hombro de Dorothea, com a firmeza da lei, mas sem que deixasse de apreciar, como bom irlandez, o gracioso torneado daquelle hombro.

— Queres então seduzir-me o marido, não é? E ainda por cima me fechas, num cubículo, a mim e ao policial, representante da lei?! — clamava a patricia de Cervantes.

Tornou-se immediatamente evidente a Cambridge que a retirada da sua hospedeza e chegada de sua esposa não tinham sido synchronizadas como elle pretendia. A presença do policial devia ser obra da hespanhola. Quanto a Ralston, esse aguardava o desenrolar dos acontecimentos, com a calma propria da sua profissão.

— Isso de emburros de familia não é nada comigo! — atalhou o policial. O que eu quero é aquelle idolo pagão que a senhora acaba de bater, lá em cima. Não pouco trabalho já tem a senhora dando á policia! Agora porém temol-a segura, — a senhora e toda a sua quadrilha!

— O idolo... o idolo é nosso... ou antes é de um amigo nosso! — tartamudeou Dorothea. — Está aqui!

O irlandez pegou na imagem e inspeccionou-a com satisfação.

— E' este o jagodes, heim? Ora quem

ha de dizer que isto vale não menos de dez mil dollars!...

Tocou a campainha da porta e Gussie fez entrar o conservador do Museu, cujos expedientes, para burlar os gatunos, tinham mettido em tamanhas atrapalhadas os seus amigos.

— Está aqui, senhor, — disse o agente.

O conservador estendeu a mão, ancioso, mas a imagem, no passar de uns a outros braços pressurosos, cahiu pesadamente, reduzida a mil estilhaços.

Viu-se então o curador a arrancar os cabellos:

— Não é o idolo! E' o molde de gesso! Os ladrões continuam á solta, com a nossa preciosa reliquia!

Gussie desapareceu de repente. Do lado de fora da casa, passado um instante, roncou um motocyclo, e de-segundo a segundado se foi tornando mais fraco o ruído, até que se apagou ao longe.

A todas as perguntas que na proxima meia hora lhe fizeram, a unica resposta de Gussie foi:

— Espere! Espere um pouco! Já disse para esperar! — mas isso de pouca valia era para sua mãe, cravejada de olhares suspeitosos por um conjuge cimento, por um conjuge artista, por uma vingativa filha da Hespanha, por um uniformizado filho da verde Irlanda.

Ao fim dessa meia hora, porém, ouviu-se o ronco do motocyclo, agora em crescendo, como em diminuendo fora antes. Escada acima, veio outro policial, um civil um tanto amarfanhado, e Saki, logo atraz.

— Veja se é isto que procuram! — disse o oriental para o curador.

— E' isto! E' isto mesmo! — exclamou o archeólogo.

— Agora, quando você se mettê n'outra, seu desgraçado, não banque o inspetto para riba de mim! — disse Gussie ao gatuno. — Eu bem sabia que vossemecê não era inspetto, nem nada! Mi emburraeste uma vez, mas não tornas a emburra! Fica sabendo que eu conheço todos os inspetto, todos os policia, todos os acongueiro, bombeiro, e mata-mosquitos cá do bairro! E todos os coqueiro... também!

E lançando a Saki um olhar assuado:

— Como foi que você fez, ninguém? opedeu e pegu um uco napuodra tres torcer das mãos, duas vezes repetido.

— Foi assim, foi assim mesmo! — confirmou o larapio. — Mas fica descansado que algum dia ajustarei contas contigo, amarellão!

— Mas eu é que não comprehendendo nada de tudo isto! — atalhou o Dr. Ralston, que debalde procurava, ha tanto tempo, conjugar tudo o que sabia com as revelações recentes.

Gussie não deu resposta ao medico, mas deu epilogo á aventura:

— Ole! o cinho ngarra na sua esposa, leva ella para casa, e vá lhe querer bem! Eu depois explico tudo. Agora foi-se embora o azar do boneco, e não ha mais creença cá em casa. Vá com ella, converse os dois, e o resto fica por conta da nega.

E um momento depois, mostrando os dentes de marfim, num riso rasgada até ás orelhas:

— Deixa, porém, a chave da porta, eu dou. Esta gente toda está morrendo de sede. Olhe o o nen cachurinho pagame como me piscu os olhos? E que elle me um borbecho da lá aqua que passava na beira. Deixa a chave, vá, seu doutor!

perceptível tremor dos lábios, precedendo o movimento com que ella voltou as costas, silenciosamente, e subiu as escadas em direcção ao seu quarto.

Estavam na casa o Dr. Rogerio Galloway, reitor de Santa Maria Magdalena, tio de Caroline e Connie, a pequenita. A criança parecia antes surpresa do que consternada.

— Mas eu vi papae agora mesmo! — disse, queixosa.

O Dr. Galloway maravilhou-se com a observação da criança, e contou que um pouco antes de eu ter chegado estavam Caroline e elle na sala, quando ouviram que Connie pronunciava as seguintes palavras:

— Ah! É's tu, papae?

A criança assomara depois á porta do quarto, dizendo-lhes:

— É, papae, mas está tão... tão diferente!

O Dr. Galloway e Caroline foram ao hall e nada viram. A mãe collocou então a mão sobre a fronte da menina e disse, afflicta:

— Estás febril, Connie! Deus queira que não vás adoeecer!

— Mas, mãezinha, juro-te: eu vi o papae e Leo também o viu!

Lee, o constante companheiro de Connie nos seus jogos, um enorme cão de lobo, estava de pé no hall, e não parecia estar olhando para coisa nenhuma; mas tremia-lhe todo o corpo e tinha o pelo todo eriçado no pescoço.

Foi assim que os encontrei, a todos quando ali entrei para lhes communicar o sucedido.

Interpretar isto como quizerdes: — mas o que vos estou contando são os factos. Digam-se ao mesmo tempo o que acredito, e isso será a explicação de quanto aconteceu, então e depois. O que nós chamamos morte é apenas a linha que divide uma phase da vida, da vida que conhecemos, da outra que não podemos conhecer. Se atravessarmos essa linha em paz comovidos e com os nossos semelhantes, passamos immediatamente para a outra vida. Mas se commettemos um mal de que não fomos perdoados, ou cabiamos afflicções que não reparámos, ficamos presos á terra. Não podemos seguir para a outra vida senão depois de termos sido perdoados, ou de termos aplinado o que de mão deixamos atraz de nós. Nessa phase transitória, ao que parece, somos apenas visíveis, de tempos a tempos, áquelles que estão em sympathia connosco, que comprehendem a nossa angustia ou que nos amam estremecidamente. Daisy viu Nick, vagamente embora, porque — a seu modo — o amava de verdade. Connie viu-o também porque o amava. Caroline não o podia ver porque tinha ainda em seu coração um amargo resentimento contra elle e Daisy. Enquanto Jim estivesse no carcere, sob a accusação de assassinato e separado de sua mulher, e não houvesse clemencia no coração de Caroline, Nick tinha que estar preso á terra. E tudo quanto depois aconteceu veio dos seus esforços para se libertar do seu cativeiro e passar á outra vida.

Não quero dizer que o character de Nick mudasse de repente, nem que elle começasse a encaminhar-se para o bem, em vez do mal. Isso veio gradualmente. A principio elle vin-se apenas alleiviado, em meio das circumstancias que o rodeavam. Vagueava pelos lugares sem conhecidos, entre as pessoas que lhe eram familiares, porque não sabia que outra coisa fazer.

Elle tinha que aprender, como se fosse uma criança. E a pequenita Connie, com a sua clara visão infantil, pareceu comprehender o melhor que todos nós. No esforço de elucidar a sua afflicção, ella acompanhou sua mãe pela escada acima, e disse-lhe:

— Mãe, estás afastando papae de ti!

— Que queres, Connie? Eu amava-o tanto!

— Pois sim, mas não acreditas que elle te ama, a ti e que quer estar junto de ti? — insistiu a criança.

Não podia a menina comprehender, ella propria, o que estava dizendo. Aquellas palavras pronunciava-as a sua bocca innocente sob uma influencia que ella apenas podia sentir. Entretanto, foram as palavras de Connie que quebraram a fria reserva de sua mãe. E as lagrimas banharam o rosto de Caroline pela primeira vez, desde a noticia da morte de Nick. Mas, no seu coração, não podia a desventurada encontrar perdão!

Para falar a verdade, até essa occasião, eu não cogitava absolutamente de Nick, mas sim de Jim. Elle estava nas garras da mais velha de todas as leis: "vida por vida". Tinha uma boa defesa — a lei escripta — e eu acreditava que o infeliz se valesse della. Disse-lhe isso mesmo quando o fui ver. Mas elle surpreendeu-me, declarando formalmente:

— Não apresentarei defesa alguma.

— Mas, Jim, se não te defenderes, serás enforcado.

— Matei o meu melhor amigo, por imperdoavel equivoco, — respondeu lenta e intencionalmente. Estou prompto a soffrer as consequencias do meu acto!

— Jim: eu sei o motivo por que tu o mataste! — atalhei.

— Pouco importa: não quero que o nome della seja arrastado para este caso, — disse. — Sei o que pensas, mas asseguro-te que estás em erro!

Não valia a pena discutir. Vejo-o ainda com os maxillares cerrados e firmes: era claro que elle não mudaria de attitudão. Disse-me depois que não tentaria elle proprio a sua defesa, nem pediria a Daisy que depuzesse em seu favor. Assim, Jim seria irremediavelmente enforcado, desde que Daisy não se resolvesse a falar, por sua livre vontade. Não havia grande esperanza em mim, mas resolvi ir-lhe falar eu proprio e perguntar-lhe claramente se elle desejava carregar na sua consciencia o peso de duas vidas, em vez de uma.

Infelizmente, encontrei-a na igreja onde estava depositado o corpo de Nick. Eu tinha resolvido deixar uma coroa sobre o caixão, antes de ir falar com Daisy; mas, justamente quando eu entrava, encontrei-a, que sabia. Coincendencia muito desagradavel porque a esposa de Jim e Caroline acabavam de encontrar-se, frente a frente, por sobre o caixão de Nick, e a viuva, pelo simples olhar, obrigara a outra a retirar-se, envergonhada e confusa.

Para ella, a presença de Daisy na igreja constituia um ultraje audacioso, quasi um sacrilegio, e o declarou mesmo numá meia dúzia de palavras das mais constantes. Isso offendeu Daisy, tanto mais quanto a sua visita á igreja era uma nunci-hypocrisia. Gastando embora de Nick, como decerto gostara, fora mais o seu appetite de pittoresco que a levava a Santa Maria Magdalena. O seu desesperado encontro com Caroline puzera-a de mau humor, de sorte que ella tentou evitá-lo. Mas a minha resolução era tão firme que eu não podia cogitar de diplomacia, e puxando-a para um lado, insisti que ella ouvisse o que eu lhe tinha a dizer:

— Jim não vai apresentar defesa algu-

ma, — declarou. — Elle resolveu proteger o seu nome.

— Proteger o meu nome? Que quer dizer com isso? perguntou Daisy, com garbo de aço.

— Elle allega que a senhora nada teve de commun com a briga entre elle e Nick.

— E' claro: que mais poderia elle dizer? Não tive mesmo! — disse, e vi-lhe brilhar nos olhos como que um secreto contentamento.

— Não teve mesmo? — perguntei, á quima-roupa.

Elle ia voltar-me as costas (com um grande ar de dignidade offendida, não eu retive-a).

— Mas então por que motivo, quando lhe fui contar a tragedia, exclamou a senhora "Jim matou Nick!" antes que eu tivesse occasião de dizer uma só palavra? — inquiri audazmente.

— Porque... Porque eu o vi!

Pensei que ella se ia acalmando, e proseguí sem desanimo:

— A senhora é a unica pessoa, neste mundo, que pode salvar a Jim!

Elle retezon-se de novo.

— Não entendo o que o senhor quer dizer! pronunciou framente.

E, passando á minha frente, retirou-se da igreja.

Voltei aqui ao club, matutando no que poderia fazer, e os meus pensamentos voltaram-se para Nick. Reflecti em quanto elle se devia sentir infeliz, vendo, como decerto via agora, que situação embaraçosa deixava atraz de si. Sentado além, naquella recanto, na cadeira que elle preferia, assaltou-me uma sensação identica á que se apossou de mim á sua porta, quando eu fora communicar a Caroline a noticia da sua morte. Olhei para cima, e elle o ali estava deante de mim, tão claramente como qualquer de vós ali está, neste momento.

Que nunca mais eu encontre no semblante de homem algum, vivo ou morto, a mesma expressão que havia no de Nick, naquella hora! Liam-se no seu rosto todos os soffrimentos do mundo e uma supplica de soccorro improferivel. Depois, num relance, comprehendi toda a situação, ao mesmo tempo comprehendendo que a solução dos problemas do outro mundo é a mesma dos problemas deste mundo. Tu estavas aqui, Rhodes, e deves lembrar-te de que eu lhe fallei e lhe disse:

— O amor, Nick, o amor! Não o amor maltratado e transviado, mas o amor puro, é a nossa unica salvação, no nosso mundo e no teu!

Elle pareceu entender a significação das minhas palavras, e tentava já perguntar-me o que havia de fazer, quando tu, Rhodes, quebraste a tranquillidade daquelle momento, e elle desapareceu. Disse-te então que tinha visto Nick, e tu, pensando tratar-se de uma brincadeira minha, perguntaste-me com que cara é que elle tinha vindo. Lembra-te do que te respondi?

— Com a cara de um homem condemnado ás penas eternas!

Foi entretanto o Dr. Galloway que finalmente por Nick no bom caminho. Foi pouco antes de Jim entrar em julgamento, quando o Dr. Galloway andava numa grande afflicção. Uma tarde elle foi á igreja implorar a Deus que o guiasse, quando ali encontrou Nick, quando o viu, como eu o vi, — pobre alma a debater-se numa agonia infinita! Rogerio Galloway, é uma alma grande, cuja vida inteira se tem passado na mais intima communhão com Deus: elle soube comprehender o que Nick precisava.

— Está soffrendo, meu rapaz! — disse.

Nick dobrou a cabeça e Rogerio proseguiu:

— Sempre se vem a soffrer quando se não toma o bom caminho. Enquanto te apegares ao nosso mundo, soffrerás todos os tormentos que o mundo jamais deixa de infligir. O credo por que tu e Jim viviéis levou-vos ambos a uma catastrophe, mas uma catastrophe não significa uma ruína decisiva. Ha um mundo prompto a acolher-te, um mundo que mesmo, através desta agonia presente, te ensinará a começar novamente de baixo, e subir até ás alturas!

A medida que Rogerio falava, Nick parecia estar sujeito a um conflicto tremendo. Era o esforço que elle fazia para se re-ajustar a uma nova perspectiva da vida, — da sua vida actual e do seu passado.

— Estás preso á terra, Nick! — disse Rogerio — Liquidá as tuas contas e vae!

A appareição dissipou-se lentamente, como se obedecesse ao mando de Rogerio. O Dr. Galloway disse-me depois que lhe parecia que tinha estado sonhando, mas que, ao voltar a si do que lhe parecera sonho, não ponde pôr em duvida a realidade da experiencia. Nem vós mesmos podereis discordar, quando eu vos contar de que modo se lançou Nick a endireitar as suas contas.

Daisy tinha ido passar uns tempos com uma tia invalida havia muitos annos. Vivia essa senhora isolada numa grande propriedade, e numa pequena estufa que lhe ficava proximo é que Daisy e Nick tinham tido a maioria dos seus secretos encontros. No dia do processo de Jim, Daisy estava sentada com sua tia num pequeno caramanchão, quando a assaltou uma subita intransigibilidade, para ella inexplicavel. Disse á tia que ia dar um curto passeio, e seguiu na direcção da floresta. Mal sabendo para que lado caminhava, achou-se de repente junto á estufa. Nunca alli estivera desde a ultima vez que vira Nick, — desde a vez em que combinara fugir com elle. Tentou retroceder e voltar para casa, mas havia qualquer coisa que a prendia ali. Ella não viu Nick, mas contou-me depois o que se passou e disse-me que lhe parecera sentir, nessa hora, o repentino despertar da sua consciencia. Uma voz mysteriosa falou-lhe ao ouvido, e disse-lhe:

— Dentro de uma hora, Jim responderá ao processo de que depende a sua vida!

Procurou varrer essa idéa da lembrança, mas logo outra idéa se lhe apossou do espirito:

— Só tu, só tu podes salvá-lo!

Tentou responder, dizendo de si para si que Jim declarara, elle proprio, que não queria a sua vida, ao preço da publica deshonra de sua esposa. Mas a voz que falara primeiro replicou severamente:

— Nick pagou pelo que fez! E' preciso que tu pagues tambem!

Aterrava-a a idéa da scena no tribunal, da sua confissão, da tortura de proclamar a sua desonestidade! Encolheu-se toda e em voz alta exclamou: "Não, não e não!" e cahiu em lagrimas no chão.

Entretanto, o processo approximava-se rapidamente do seu termo. Provas, eram precisas poucas: bastava a prova formal de que, numa certa tarde, na escadaria do New Netherlands Club, James Rittenshaw tinha atirado contra Nick Desborough e o prostrado, morto. A promotoria terminou e o advogado de Jim, manifestado pela inabalavel determinação do seu cliente, declarou que a defesa não tinha provas a apresentar. Fez-se a pausa solenne que sempre precede o final do processo, e precisamente então viu-se Dai-

sy penetrar na sala, caminhar pela coxia central, dirigir-se até á grade, e falar ao meirinho que acudira ao seu encontro:

— Sou a Sra. James Rittenshaw. Desejo fazer declarações por parte da defesa.

Houve um rum-zum na sala durante todo o tempo que o meirinho empregou para levar ao juiz o recado recebido. Tinha-se falado na cousa, á bocca pequena, mas nada se sabia de decisivo. Os espectadores inclinaram-se para a frente interessados, e ao mesmo tempo o juiz consultou rapidamente os advogados. Daisy foi então solicitada a occupar o seu lugar como testemunha. Quando a viu, Jim levantou-se, como que a protestar, mas sentou-se de novo e poz-se a olhar pasmado para sua esposa. Daisy nem sequer o pôde ver depois que o prenderam, e se havia coisa que elle não pudesse esperar é que ella comparecesse, *aparte sua*, a defendê-lo. Ella não perdeu tempo em preliminares, nem em explicações. Estava calma, e tinha a voz tão clara que a ouviam, mesmo os que estavam nos mais distantes extremos da sala.

— O Sr. Rittenshaw matou o Sr. Desborough porque este e eu tínhamos combinado fugir juntos uma hora depois.

Deve-se, talvez á espera de que a interrogassem os advogados, e logo continuou:

— O Sr. Desborough quiz ser leal á sua amizade por meu marido, a sua esposa, a sua filha: fui eu que lhe pedi para fugir connigo.

Eram agora mais lentas as suas palavras, mas a voz não lhe tremia. Era como se ella tivesse assentado que não bastava que Jim fosse absolvido, que só uma revelação completa podia bastar.

— Todos temos que pagar, e eu quero pagar agora, senhores! A culpa foi toda minha!

Jim calculava quanto devia ter custado a Daisy aquella confissão. A sua expressão era dura e inelmente, e os seus labios como que se recurvavam, immoveis, num escarneo tremendo.

Era cousa certa que depois deste desenlace dramático o jury daria Jim por não culpado. Enquanto a sala se esvaziava aos poucos, Daisy approximou-se de seu marido, como se esperasse alguma palavra de perdão; mas Jim apenas disse:

— Salvaste-me a vida, Daisy. Agradeço-te.

Depois, como distraído, acrescentou:

— Mas por que fizeste isto?

A pergunta, o modo de Jim talvez mais ainda, apanhou-a desprevenida, e Daisy balbuciou:

— Creio... creio que foi Nick que me mandou!

Era indubitavelmente a verdade, — uma verdade que sobrevinha num mau momento, e que Jim logo interpretava através do seu ciúme e da sua colera.

— Foeste delle, quando vivo; e ainda morto, elle se interpõe entre nós!

Com estas palavras se desviou della, e a deixou para ali, — pobre mulher coberta de vergonha em face de todo o mundo, e sem esperanza de recompensa pelo seu sacrificio!

Agora, porém, eu não pensava senão em Nick. Preso á terra pela recusa de Jim de perdoar, a sua sorte era ir pensando, pensando, exilado do seu proprio reino. As suas contas só estariam directas no dia em que Jim pudesse ser levado a enxergar a verdade.

Pastaram os dias e surgiu um boato de divorcio. Jim estava morando no club. Nunca mais vira Daisy, desde o dia do processo. Todos vos lembrareis, decerto, de que triste figura era então a sua, desinter-

essada em absoluto da sua pessoa, do que delle pudessem pensar os outros. Vivia — se se pudesse, dizer que vivia! — como que numa continua nevoa da sua intelligencia e da sua alma!

Um dia, finalmente, Nick conseguiu atingil-o. Deve ter sido um supremo esforço, um esforço sublime! Recordaes tambem como depois de passear durante mezes a sua tragica figura por todos os recantos do club, tornado um lugar de tristeza pela sua só presença, quando já se cogitava até de pedir-lhe que renunciasse, Jim de repente se mudou do club e se retirou para o lar conjugal.

Não se podia explicar semelhante acto, nem era cousa de que se pudesse pedir-lhe explicação. Vós mesmos ha poucos dissestes: "Dizem então que Jim Rittenshaw perdoou á mulher?" Pois bem, eu vos vou dizer o que se passou.

Eu estava no ultimo degrão da escadaria, onde conversara algum tempo com Jim, que começara a descer-a. Precisamente, nesse momento, olhei para baixo e, ao sopé da escadaria, vi Nick que começava a subir. Os dois estavam exactamente na mesma posição em que se achavam quando Jim matou Nick. Jim hesitou, pareceu querer correr para cima, mas deteve-se. Nick poz nelle os olhos cheios de saudades, de tristezas, de supplicas. Depois ouvi falar Nick — não por sua voz humana que os meus ouvidos perceberiam, mas por uma mensagem do seu espirito que Jim tambem ouvia:

— Ha uma só vida, Jim: é a eternidade!

Nick continuou sabendo os degrãos, por uma mão no hombro de Jim e de novo a sua voz espirital se fez ouvir:

— Vivemos e vamos vivendo como somma total daquillo que nós proprios fizemos!

Pareceu que Jim tentava perguntar alguma cousa, mas que os seus labios se recusavam a articular as palavras.

— Estavamos ambos em erro, Jim: era Harvey quem tinha razão!

Lentamente, o rosto de Jim revestiu-se de uma nova expressão. Uma das mãos de Nick ainalá pousava no seu hombro; a outra apontava para cima, e os olhos de Jim a acompanharam. Das suas feições repuxadas desappareceram a dureza, a cruza presumptiva, e de repente, branda, mas ansiosamente, elle exclamou uma palavra:

— Deus!

— Perdoa e serás perdoado! — disse Nick com um sorriso de felicidade infinita.

E desappareceu.

Jim, cambaleante, agarrou-se ao corrimão. Corri para baixo, sustive-o pela cintura e elle agarrou-se freneticamente a mim.

— Leva-me para casa! Leva-me para casa, Harvey!

Depois que Harvey Breck concluiu o seu auditorio manteve-se alguns momentos silencioso. Então, com um riso nervoso, Rhodes disse:

— A tua historia é convincente, Breck. Mas acreditas que agora Nick desapparece de vez?

— Sim, de vez! — affirmou Breck com vehemencia — Caroline viu-o nessa mesma noite. Elle fôra despedir-se della. A viuva já tinha estado com Daisy e já lhe havia perdoado. Liquidadas as suas contas, Nick passara a outra esphera, e sua esposa ainda o vira desapparecer na gloria do sol-pôr.

— Era isso que tu querias dizer quando disseste que Deus tinha perdoado a Jim Rittenshaw?

— Era e assim espero eu que, quando a hora chegar, Elle me perdoará a mim, e a todos nós que tanto prechamos de perdão!



O novo concurso



RESULTADO ATE' SABBADO, 15 DE ABRIL DE 1922
(DECIMA QUARTA APURACAO)

1° — Qual o artista que mais lhe agradou em 1921?

	Votos
Gloria Swanson	432
Norma Talmadge	352
Mae Murray	335
Priscilla Dean	306
Shirley Mason	268
Lila Lee	252
Pola Negri	246
Bebe Daniels	220
Agnes Ayres	216
Mary Pickford	214
Dorothy Dalton	205
Mary Miles Minter	103
Wanda Hawley	84

Todos os mais com menos de 50 votos.

2° — Qual o artista que mais lhe agradou em 1921?

	Votos
Thomas Meighan	595
Wallace Reid	395
William Hart	265
William Farnum	256
Harold Lloyd	194
Eugen O' Brien	175
Emil Jennings	165
Tom Moore	85
Antonio Moreno	72
Elliot Dexter	66
Douglas Fairbanks	61

Todos os mais com menos de 50 votos.

3° — Qual o film que mais lhe agradou em 1921?

	Votos
Macho e fêmea	631
Homem miraculoso	341
Fructo prohibido	212
Direito de amar	189
Heliotrope	181
Sumarium	180

Alvorada de Maio	141
A mulher e o mundo	123
Dahlia ou Eis minha esposa	95
Seu maior sacrificio	92
Mãos poderosas	91
Se eu fora rei	84
Ann Boleyn	83
A roda da fortuna	82
Por direito de compra	79
Machiavelismo	78
Ardor da juventude	74
Idolos de barro	71
Dansarina incognita	70

Todos os mais com menos de 50 votos.

4° — Qual a marca que mais se salientou por sua produção em 1921?

	Votos
Paramount	1.608
Universal	436
Ufa	384
Fox	318
Goldwyn	298
Metro	169
Select	94
Gaumont	15
Botelho	13
Pathé N. Y.	11
Itala	10
Invicta	9
World	3
Sascha Film	2
Robertson Cole	2
Equity	2

Terra, Warner, Pathé Copartition, Vitagraph, 1 cada uma.

CONCURSO DE POPULARIDADE

Os que quizerem concorrer destacarão o "coupon" abaixo, enviando-o a esta redação, depois de respondidas as seguintes perguntas:

1°—Qual o artista (mulher) que mais se salientou em 1921?

2°—Qual o artista (homem) idem, idem?

3°—Qual o film exibido em 1921 que mais lhe agradou?

4°—Qual a marca cinematographica que melhores films apresentou em 1921?

Receberemos os votos até 30 de Abril do corrente anno.

Concurso cinematographico do "Para todos..."

1°—Qual a artista que mais lhe agradou em 1921?

2°—Qual o artista que mais lhe agradou em 1921?

3°—Qual o film que mais lhe agradou em 1921?

4°—Qual a marca que mais se salientou por sua produção em 1921?

Data

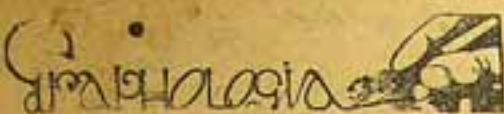
Nome

Direcção



GRATIS!...

Si quer ser feliz em negocios e em amizades, gozar saude, viver longo tempo, não perder ao jogo, saber como hypnotisar e magnetisar de perto e á distancia; exercer a clarividencia; augmentar a memoria e o poder da vontade, livrando-se de máos habitos e adquirindo faculdades productivas; conhecer a fundo o espiritismo e a magia; combater e vencer a inveja e a calumnia; livrar-se das máas influencias extranhas e dominar-as, vencendo as difficuldades da vida e alcançando a verdadeira felicidade e a paz, peça já o MENSAGEIRO DA FORTUNA, de ARISTOTELES ITALIA. Só serve para pessoas adultas e não analfabetas. Pedidos ao mesmo, á CAIXA POSTAL 604 (rua S. José), 5) — Rio — Manda-se pelo correio gratis, a quem enviar este annuncio ou citar o nome desta revista. Não deixe para amanhã. Mande hoje mesmo. Pede-se muita clareza no nome.



LUZMAR (Rio) — Não assignou: collocou o nome no alto do papel, á laia de epigraphe... Cabia-lhe o indeferimento, mas sempre lhe diremos que é uma boa creatura, expansiva e amavel, ainda que, ás vezes, muito vaidosa. O traço materialista sobrepuja em toda a linha, a ponto de lhe obscurecer a bondade natural.

K. LIXTO (Victoria) — Tem a graphia dos individuos contentes da vida. O seu espirito é calmo, delicado, gentil, mas energico e decidido. Vae direito ao fim que se traço, ajudado por uma vontade pertinaz. E realisa todos os seus desejos... realisaveis, sem estardalhaço, talvez mesmo com o sorriso nos labios, mesmo nos momentos "encrencados". E' invejavel um temperamento assim, tanto mais quanto de par com essas qualidades sabe conquistar boas estimas com a bondade do seu coração.

SAMUEL (?) — E' um individuo cheio de idealismo romantico e ambições. Seu espirito é um tanto glacial no trato com as pessoas. Todavia, possui generosidade de coração e é capaz de se sacrificar por outrem. Possui uma vontade azaaz poderosa, mas, infelizmente, de incerta orientação. Para compensar este defeito dispõe de bastante grandeza d'alma: reage bem contra adversidades providas daquella fallia no seu poder voluntarioso. Nota-se ainda uma certa predisposição para a causticidade, quer na penna, quer na palavra.

CARVALHO (Sul de Minas) — Dizemos da sua graphia que é a de um homem simples, agradável na convivencia, conquanto um pouco egoista e algo vaidoso. Tem algum idealismo, porém é mais amigo das realidades materiaes.

ELYANE (Botucatu') — E' evidente a fraqueza espirital, por falta de qualidades de ponderação. Todavia, luta para estabelecer um equilibrio e, ás vezes, consegue-o muito bem. Isso quer dizer que devia persistir no capricho de pensar muito, antes de fazer alguma coisa, para que a realisasse nas melhores condições de successo. Mas... a força de vontade para

conseguir isso? Só existe um projecto. Não obstante, é muito orgulhosa da sua pessoa physica e moral. Não temos elementos para confirmar os encantos da primeira... Quanto á segunda, é certo que a sua bondade caritativa lhe angaria, de facto, as maiores sympathias.

DEP. CIF. PALÉGRE (Porto Alegre) — Temos deante de nós uma natureza activa e forte, animada por um espirito muito communicativo, porém, um tanto capcioso. Muita vaidade e muita perapicacia — eis tambem dois traços bastante salientes. Predilecção pelos bons negocios e excellentes qualidades para os realizar. Generosidade de coração, mómente para pessoas que privam consigo.

JOVEN PARANAENSE (Curitiba) — Não devidamos, antes confirmamos que é dotado de muita curiosidade. Mas, por enquanto, o traço principal do seu caracter é a indecisão do espirito, a falta de ponderação e uma certa sagacidade maliciosa. Tambem sobressaem muito os indícios de instinctos sensuaes, não em estado permanente, mas sob o dominio de um gosto particular. A vontade é muito precaria: fraca e contradictoria. Vive muito do sonho, mesmo quando em acção o seu *quid* luxurioso. Tem boas disposições para ser um coração muito egoista.

MISS SANO (?) — Creatura cheia de caprichos autoritarios, de espirito frio e amigo da contradicção. Muito idealista, difficilmente admite as injuncções da vida real, contra as quaes protesta, e vae fazendo o que melhor entende. E' boa de coração, mas sua apparencia aliena-lhe as sympathias a que faria jus, se fosse menos caprichosa.

THUNY (Rio) — O que logo se nota é um grande sentimento de amor proprio, muito vizinho da vaidade. Gosta immensamente de si mesmo e de que todas as coisas sejam para si. O espirito é pouco entusiastico e pouco terno, embora muito deícado e, ás vezes, alegre. Tem muito amor ao dinheiro e a tudo quanto é interesse material, mas não lhe faltam disposições philanthropicas para repartir alguns beneficos com quem precise. Ha rectidão de character, não obstante um certo pendor para a troca fina e para a mentira innocente. As qualidades voluntariosas são notaveis, sem a particularidade de parecerem inexistentes, o que as torna mais efficaes. Ha sonho no seu temperamento, mas predomina a força positiva da ligação de idéas.

MYSTERIEUSE (S. Christovão) — Pois a sua graphia não revela a intensidade aguda dos sentimentos de que nos fala. Pelo contrario, ella indica uma natureza calma, ponderada, e methodica. Certo, haverá uma affectação qualquer no que escreveu: ou na graphia ou no assumpto... Optamos por esta ultima hypothese. Notamos, sim, que é muito desconfiada, e a isso se pode talvez attribuir o quadro pessimista que nos pintou do seu estado moral. Um traço muito evidente é o da perenne facécia que põe em todas as suas attitudens, talvez para acobertar a insignificancia espirital. E o coração está muito longe de corresponder á bondade que delle se esperava.

NHA ANNINHA (?) — Não precisamos de que as cartas fa'em em amor ou caridade para tambem falarmos nisso. Foi injustiça da sua parte avançar semelhante cousa. A sua graphia revela um espirito curto, mas muito presumpçoso, o que a torna mais ridicula. Procura dissimular o mais que pôde os seus defeitos, e um dos meios é a exaggerada expansibilidade. Não duvida lançar mão da inverdade para o mesmo fim e tambem para se di-

vertir... Sua natureza é um tanto irrealista, mas o que sobreleva são os instinctos sensuaes. A vontade é persistente, conquanto calma e o coração tem alguma bondade.

HONOLULU (S. Paulo) — Temperamento pujante de instinctos luxuriosos, mas com um espirito muito frio — o que augmenta o traço materialista. Todavia, tem modos francos, agradaveis e sinceros. Parece estar aguardando a realisação de um grande sonho. Sua vontade é forte, mas muito discreta. Aprecia muito a comodidade, o bem estar material, e é propensa á melancolia quando no isolamento.

ANGELUS (Bello Horizonte) — Perden o tempo e o latim. Não sabe, então, que o papel pautado é anti-graphologico? Em todo o caso, pôde-se dizer que se trata de um temperamento cheio de caprichos e sonhos. E tem um coração muito generoso.

HELENITA (S. Paulo) — Natureza largamente idealista, que se comprax em fechar-se no seu sentir. Aliás, sente-se constantemente alvoroçada pelo fremido dos instinctos de luxuria, que são poderosos. Tem o espirito avesso ás cousas communs, conquanto seja bastante expansivo. A vontade é firme e intensa, mas



Pó de Arroz

GLOSSY

Adherente e perfumado

Caixa grande: 2\$500 — Pelo Correio: 3\$200

Caixa pequena: 1\$000 — Pelo Correio: 1\$500

Caixa Postal: 163 — RIO

Envie importancia em vale postal, em dinheiro ou sello a

Carlos dº Silva Araujo & C

1º DE MARÇO, 13 — 1º andar — RIO

ELIXIR DE

INHAME



Depura

Fortalece

Engorda

sem ambição equivale. Adora o conforto e não é egoísta.

MILKAO (Armagary) — Sentimentos altaneiros, às vezes de grande rudeza, tendendo a um predomínio insupportável. Isso quando promove os seus interesses materiais ou os sente contrariados. Fora dessas oportunidades, sabe ser amável, docil, communicativo. É um espirito de luta, mais por audácia.

MIMOSA (Bahia) — É um espirito alfaceiro e quasi sempre em contradição com o meio em que vive. Em todo caso, dentro da sua esquisitice, é muito recto e mesmo bondoso. Sua natureza é pouco idealista, dominado como se sente pelos instinctos sensuaes. Mas ha tendencias para voltar ao sonho. A vontade é ambiciosa, mas sem força inicial. Apenas deseja muito. Tem caprichos autoritarios, e isso lhe acarreta algumas antipathias, mormente entre as suas rivais.

SADAJAS (Rio) — Evidencia-se logo o signal do amor proprio hieratico. É o mais justificavel, pois vem do berço e das tradições de familia. De par com isso, é um facto a bondade cordial bem stereo-

tipada. Grande idealismo principalmente sobre o futuro. Longos instinctos de luxuria, revestidos de apparencias cerimoniaes... Expansibilidade não permanente. Vontade ferrea, cheia de ambição, mas nem sempre bem succedida. Quanto propriamente ao espirito, tem-o pouco vibrante, e por vezes muito preocupado.

ATHLETA (S. Paulo) — O traço bem evidente é o dos instinctos voluptuosos. É mesmo o predominante, apesar de ser grande tambem a sua vaidade. Mas é grande igualmente o seu sonho ambicioso. Conta ser um millionario, para realisar os seus desejos de conforto proprio e fazer tambem alguns beneficios a outrem. Sua vontade é constante e poderosa, nem sempre, porém, bem orientada. Ha qualquer coisa de ingenho em seu caracter, e isso concorre para lhe dar uma nota sympathica.

JURANI CALVO (?) — Instinctos sensuaes muito notaveis, de grande permanencia, denunciando um temperamento materialista. De facto é. Tem uma grande ligação de idéas, mas o espirito é pouco ponderado e victima da propria inge-

nuidade. Qualidades voluntariosas não lhe faltam, mas prejudicadas pela pouca reflexão do espirito. É, porém, espalhafatosa em suas expansões e isso alluda os menos axiados. Fundamentalmente possui alguma bondade cordial.

IBENS (Rio) — Não se pode fazer graphologia sobre originaes a lapis.

ERAT (Rio) — Sua letra indica um temperamento um tanto frio, rude, pretencioso. Entretanto, não é essencialmente materialista, como podia parecer, e se confirma quanto ao traço luxurioso, muito predominante. Tem uma grande preocupação idealista, no terreno de Cupido e é capaz de só por elle se deixar dominar. Sua perspicacia, porém, não a deixa cahir nessa fragueza, e é capaz até de a tornar aparentemente indifferente ao dominio dessa especie de paixão latente... Sua vontade tem traços de alguma força, mas é mais espalhafatosa que real. O coração é pouco sensível ao soffrimento alheio.

RUDOVICO (Porto) — Queira vossencia escrever em papel sem pauta e assignar o seu nome, como o faz habitualmente em papeis de valor.

O que o espelho não reflecte!

O que a malitose (mau halito) insidiosa e incommoda é o facto de que, geralmente, a pessoa que della soffre não se apercebe do mal. Póde uma mulher ser dotada de todos os encantos femininos; póde ser linda, espirituosa e educada; póde ainda ser attrahente, sob todos os pontos imaginaveis, ás pessoas de sua amizade e ás de suas relações. Existe, entretanto, um mal invisivel, muito commum, mas ignorado por essa mulher e que poderá fazer com que todo o mundo della se afaste. Nesse particular o seu espelho nada lhe diz, como tambem nada lhe dizem as suas mais intimas amigas. A maior parte dos casos de halitose são passageiros, cedendo rapidamente com o uso do Odorans, quer como lavagem da bocca, quer como gargarejos. Esse conhecido antiseptico liquido possui ideneas propriedades desodorantes para combater a halitose. O Odorans impede a fermentação na bocca e torna o hálito agradável, fresco e puro. Não ha, pois, motivo para ninguem affligir-se em saber se o halito está bom ou mau, quando existe remedio tão simples e scientifico. Pode-se então estar certo de que não se molesta os amigos num assumpto tão delicado, em que elles não usariam, naturalmente, de franqueza. Se a distincta leitora ainda não usa o Odorans não deve deixar de comprar um frasco, que se encontra em toda a parte e no deposito geral, Casa Hermann, pelo modico preço de dois mil e quinhentos réis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

A REALISAREM-SE EM ABRIL

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos Planos

Em 26 de Abril 50:000\$000 por 15\$400

Em 29 de Abril 100:000\$000 por 7\$700

No preço dos bilhetes já está incluido o sello. Agentes geraes na Capital Federal: Nazareth & C. — Rua do Ouvidor, 94. — Caixa do Correo n. 817 — Endereço teleg. Luvel — Rio de Janeiro.

Em latas e garrafas

A' venda em toda a parte.



AZEITE SOL LEVANTE

AZEITE SOL LEVANTE... É a melhor marca do mundo!

GRAÇAS ÀS GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES

de DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento, durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz.



Innumeros attestados provam exuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias

Deposito Geral: ANAJO FREITAS & C. Rio de Janeiro

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Editora d'O MALHO, PARA TODOS..., O TICO-TICO, LEITURA PARA TODOS, ILUSTRAÇÃO
BRASILEIRA, ALMANACHS D'O TICO-TICO e d'O MALHO

Capital realizado.... 1.000:000\$000

Director-Gerente: SERGIO SILVA

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

O Malho..... (anno)	20\$000	O Tico-Tico..... (anno)	15\$000
..... (6 meses)	11\$000	 (6 meses)	8\$000
Leitura para todos..... (anno)	20\$000	Para todos..... (anno)	25\$000
..... (6 meses)	11\$000	 (6 meses)	13\$000
Ilustração Brasileira (anno)	30\$000	 (6 meses)	16\$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão accetitas annuaes ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Colaboração litteraria e photographica, ao director-se cretario: Alvaro Moreyra. Desenhos e Illustrações, ao director-artístico: J. Carlos.

Preço da venda avulsa na Capital:

O Malho	400 rs.
O Tico-Tico	300 rs.
Para todos	500 rs.
Leitura para todos	1.500 rs.
Ilustração Brasileira	3.000 rs.
Almanach d'O Tico-Tico	4.000 rs.
Almanach d'O Malho	3.000 rs.

Preço da venda avulsa nos Estados:

O Malho	500 rs.
O Tico-Tico	400 rs.
Para todos	600 rs.
Leitura para todos	1.700 rs.
Ilustração Brasileira	2\$500
Almanach d'O Tico-Tico	4.500 rs.
Almanach d'O Malho	3.500 rs.

A empresa tem reservado os primeiros exemplares da LEITURA PARA TODOS (2ª série), para os Nros. assignantes que desejem começar a sua assignatura do 1º numero.

UM GRANDE PASSO DA SCIENCIA

Importantes descobertas do chimico Wirth

FORMULA USADA EM TODA A EUROPA

POMADA "RENY"

APPROVADA PELA SAUDE PUBLICA

A unica que tira todas as sardas, pannos, rugas, espinhas e manchas da pelle.
Tendo o fabricante absoluta confiança no resultado deste preparado, resolveu offerecer
vinte contos de réis a quem não tirar resultado.

Com o uso da Pomada Reny a pelle grossa fica fina, a velha fica nova e toda pessoa que
d'ella faz uso apparenta metade da idade. As senhoras cariocas e paulistas attestam
seu resultado.—RENY, unica de effeito seguro—Pote 4\$000 - Pelo correio 5\$000.

DEPIL

quem não tirar resultado. Vidro pequeno 5\$000 e grande 10\$000. Pelo correio 6\$500 e 12\$000.

PO'DE ARROZ RENY

LOÇÃO RENY

E' o unico depilatorio liquido que tira em 5 minutos o cabello de
qualquer parte do corpo, sem irritar a pelle e com absoluta seguran-
ça. DEPIL é infallivel e permite ás senhoras usarem as mais
finas e transparentes meias de seda e os mais alongados decotes, sem re-
ceio de que um só fio de cabello lhes appareça. Dão-se 20 contos a
quem não tirar resultado. Vidro pequeno 5\$000 e grande 10\$000. Pelo correio 6\$500 e 12\$000.

O melhor, o mais barato, o mais fino, o mais perfumado e o mais adhe-
rente. Caixa 2\$500. Pelo correio 3\$500.

Elimina a caspa e evita a queda dos cabellos, tornando-os sedosos, abundantes e
perfumados. Vidro 5\$500. Pelo correio 8\$000.

MAGALHÃES & LOBO—Rua Senador Furtado, 48—Rio



CINZANO

VERMOUTH